

EGOTRIP

Literatura
Brasileira

AMAURI QUEIROZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Amanda Moura de Sousa CRB-7/5992

Q3e Queiroz, Amauri.
Egotrip / Amauri Queiroz. - Rio de Janeiro:
Edição do Autor, 2021.
749 kb ; PDF.

ISBN 978-65-994056-1-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869.1
CDU 869.0(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira B869.1
2. Poesia brasileira 869.0(81)

SUMÁRIO

Prefácio.....	10
Barca do Degredo.....	12
Olhar de Folhetim.....	14
Binários.....	17
Vácuo.....	19
Coquetel de Ilusões.....	23
Mudez Psicanalítica.....	24
Slave.....	26
Solidão.....	28
Tempo de Outono.....	30
Vôo.....	33
Vida Madrasta.....	34
Sentido.....	35
Olhos de Vida.....	36
Nu.....	37
Fantasia.....	39
Guetos.....	40
Universo sem Nome.....	42
Pilão.....	44
Retorno.....	46

Maria.....	48
No dia do seu Coração.....	50
Noite em Copacabana.....	52
Jardim de Esperança.....	54
Loucos Carnavais.....	55
Blues do Leblon.....	56
Identidade.....	58
Interior.....	60
Lua Branca.....	62
Gaya.....	63
Floresta Cordilheira.....	64
Atlântico Negro.....	66
Brasileira.....	68
Vapores Baratos.....	70
Vermelho.....	73
5 P.....	76
Elite e Favela.....	78
Epitáfio.....	80
Falso Perdão.....	81
Criação.....	82
Colombina Perdida.....	84

Calvário.....	86
Canto de Miração.....	88
Flor do Amor.....	90
Mãe Negra.....	91
Céu de Noel.....	95
Chuva de Amor.....	96
Canto para Oxum.....	97
Corredeira.....	99
Depoimento do Malandro.....	101
Madureira.....	104
O Céu do Sambista.....	105
O Mistério do Tião Nanico.....	109
Fundo de Poço tem Ralo.....	110
Sereia.....	112
Se Liga.....	114
Samba Flor da Cultura.....	115
Doces Cristais.....	117
Amor Querubim.....	118
Aquarela Existencial.....	119
O Afago de Deus.....	121
Terreiro da Ciata.....	123

O Anticristo.....	124
Floresta Cordilheira.....	126
Soy Lana Star.....	128
Minas.....	129
O Blefe da Mulher Gato.....	131
África Negra.....	133
Alunissagem.....	134
Anjo Caído.....	135
Auto da santa Cruz.....	137
Budapest.....	139
Lobos.....	142
Gênesis1.....	143
Glacial.....	146
Wica.....	148
Tristeza de Rio.....	149
Canciòn para George Floyd.....	150
Espírito Livre.....	152
Cavaleiro do Amor.....	154
Filhos do Álcool.....	156
Doces Cristais.....	158
Aos que Vieram Depois de Nòs.....	159

Flor da Floresta.....	161
Noites Fiorentinas.....	163
Pedra do sal.....	164
Cheiro de Estrelas.....	166
Poeticídios.....	168
Amor Espelho.....	170
Isabé.....	172
Testamento.....	173
Invisível.....	174
Sim.....	176
Reparação.....	178
Ninguém.....	179
Moinhos.....	181
Universo e Glória.....	182
O Toureiro e o Poeta.....	184
Filha de Caim.....	186

Aos meus pais (in memoriam)
A Murilo Mello Filho (in memoriam)
Aos meus filhos Bernardo e Gabriel
Aos membros da Família Queiroz
Aos membros de academias de Letras
Aos amigos e amigas de uma vida
Aos que me fazem renascer.

Prefácio

“O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente”.

Essa 1ª estrofe do poema "Autopsicografia", do poeta português Fernando Pessoa, é luz que ilumina o caminho de qualquer poeta. O poeta vive dos recônditos de sua alma, sua dor, seus amores, suas memórias, suas entrâncias. Desses lugares, ele tira a inspiração de seus versos, suas letras, sua rima, sua música. O que sente agora renova e reacende em forma poética o que já sentiu, por isso o conceito de fingimento de Pessoa é exemplar, para explicar essa duplicidade de tempos que cercam o poeta e que encarnam na sua poesia.

A poesia de Amauri Queiroz, no seu livro "Egotrip", traduz e reinterpreta, no plano do sensível, o que ele já viveu, sentiu e percorreu, reflete suas heranças e vivências culturais mais profundas, suas histórias, suas paixões, suas retas e curvas, os avanços, recuos e contornos da sua vida.

Conheci Amauri Queiroz na quadra da nossa querida Mangueira, num sábado de festa, num dia especial, o da celebração dos 95 anos do mestre Nelson Sargento. Lá começamos uma conversa que não cessou, seguiu em torno de ideias de projetos a desenvolver, construímos uma afinidade e uma identidade que vêm alimentando uma proximidade que aponta para diversos lugares ainda a percorrer.

Apresentar Amauri Queiroz e seu livro de poesia é uma honra, pois é apresentar um brasileiro genuíno e múltiplo, dotado de grande capacidade, criatividade e versatilidade nas áreas da cultura, da política e da educação.

Suas raízes de africanidade e seu mergulho em torno da negritude e das causas do movimento negro são uma das principais bases de sua expressão, uma bandeira identitária que já o levou em andanças pelo seu país e outros países afora, nos quatro cantos do planeta, Europa, América do Norte, do Sul, Ásia, África. Em cargos oficiais, representações políticas, atuações e experiências que marcaram na sua luta permanente para tentar fazer do mundo um lugar melhor, e dele uma pessoa mais atendida e completa na compreensão da complexidade desse mundo.

Amauri viveu e participou de um pouco de tudo, se expressando como jornalista, publicitário, militante político, sindicalista, agente de direitos humanos, assessor de instituições e governos, educador, escritor, produtor cultural, e que segue produzindo conteúdo para diversas mídias. É um pensador humanista, engajado em princípios e práticas voltadas à transformação. E agora nos presenteia com uma obra na linguagem poética, onde revela capacidade plena de expressar as dores que já sentiu e que "deveras sente".

Convido os leitores a entrar nesse livro como a passar por um umbral, abrir uma porta e desvendar a emoção de textos poéticos, fortes, sensíveis, generosos, que trazem à tona a introspecção de um autor que transita por tempos e lugares, de vida real e imaginária, e que nos oferece sua "egotrip".

Um poeta que na sua estreia nos convida a viajar com ele, nos levar por cercanias diversas, rotas, destinos e desatinos,

vielas e periferias, guetos, chibatas e quilombos, subúrbios e terreiros, lamentos, dores, feridas, sabores, sonhos, romances, desejos, delícias, paixões, folias e carnavais.

Amauri Queiroz, "sangue bom", "salve os erês!", salve a Mangueira! Salve a poesia que imprime como sentimento e como voz, comprometidos com a igualdade, a justiça, a solidariedade, a humanidade. Salve a poesia e o que ela nos traz como mensagem de vida, revolução, fé e paixão.

Dermeval Netto

Jornalista, documentarista, professor.

Barca do Degredo

Noite fria, madrugada de estio
Brisa quente, sopro de vida, primavera
Ninguém disse que amar é agonia
Em um trem que corta a vida e não espera

Mariposas beijam as luzes da cidade
Buscando sonhos perdidos na eternidade
Vulcão de amor que virou cinza em fogo morto
Sob o olhar de um triste anjo torto

Vida que passa espelhada nas vitrines
Onde o amor se exhibe em seu reflexo
O tempo passa e a humanidade segue a sina
Fazendo guerras, revoluções, amor e sexo

Não há destino que apague um grande amor
Sentimento que consome em perdição
Força estranha despedaça como um raio
Fazendo a mente ser cativa ao coração

Pelos canais da existência sigo em frente
Sigo na nau dos deserdados mar afora

Levando a gente sem amor pelos baixios
Singrando as águas de esperanças de outrora

Sigo na barca dos renegados em triste fado
Ígneos portais do purgatório me recebem
Recebem a barca do degredo na corrente
Com exilados do amor eternamente.

Olhar de Folhetim

De nada adianta chorar o que passou
O viço de outrora o tempo levou
Foi se largando por aí, pelas madrugadas da vida
Erros e marcas de amor
Marcas doídas
Marcas da vida que o rouge luta para ocultar
Minha cruzada em solidão
Leva-me aos bares em aflição
Quero um copo amigo
Um corpo amigo
Um tango antigo de Gardel que invada de ar quente o meu
pescoço
Peço uma dose de amparo e o garçom me diz que há muito
não se vê
Até um beijo amargo me faz fingir que sei amar nessa vida
de abandono
Sigo a sina de mulher de ninguém
Sozinha cão sem dono
Livre no próprio abandono
Consumindo sonhos e desejos
Tragando homens e cigarros
Homens guimbas com seus beijos incompletos

Digo sim às propostas carentes
Não tenho porque dizer não
Somos estranhos, diferentes e sombrios
Indecentes em nossos sorrisos gastos e amarelos
O álcool me incendeia em fogo
Me enrosco no calor e na dor do amor
Dores tão presentes que nunca se tornam passado
Marcas de um passado vadio e um presente hedonista
Marcas de ferozes luta de cio
Sei fingir prazer, ser teatral
Divido pó e pecados igualmente
O prazer marginal tem um ótimo sabor
É tanto revés, submundo, torpor
Que até parece que é amor
E quando a aurora invade o quarto atrevida
Se assusta com o sabor amargo do ambiente
Quando são abertas as cortinas do palco mundo
O momento é desconcertante e o desengano profundo
Ninho de pássaros feridos
Onde o arrependimento jaz lasso em uma cama sem sabor
Exalando e disfarçando a repulsa
Que pulsa o intragável cheiro da dor
Em lágrimas escondidas apago o cigarro
Enterro nas cinzas os teus cheiros vis
Do teu sêmen, da tua pele, da tua bebida, tuas mentiras
Sina de colombina rota e embriagada
Digna de um pobre pierrô de vida falida
Mulher da vida, rota perdida, sou fria, sou fatal

Sou do bar, dos copos sebosos e homens carentes
Sou o falso sorriso que sempre diz sim
Mas meu triste amigo te recomendo de verdade
Nunca creia no meu olhar de folhetim

Binários

*V*em cá meu igual tão diferente
Eu vou viajar curiosa em teu mundo
Cruzar tuas águas difusas, perigosas
Sobrevoar teus vales sombrios profundos

Eu sei que a vida nos maltrata e nos cega
Nos faz estranhos e reativos na cor
Binários sempre em amor de sol e lua
O branco lasso e o preto nu na dor

O mundo é frio nos julga calientes
É sordidez de devassos em torpor
Amantes livres amam na praia deserta
Estrelas frias brindando tamanho amor

A vida feliz que um dia tanto sonhamos
Não é agora mas será em um tempo qualquer
Com corpos dóceis e sensuais bocas estranhas
Cheirando a álcool em um seio de mulher

Eu quero um deus que me conceda um novo mundo
Que um dia feliz se torne uma eternidade
Quero encontrar abrigo seguro em teu peito
Esquecer por um instante tanta maldade

Te vejo firme cruzando a bruma bem distante
Na mágoa eterna que névoa do vento carrega
Amor, ah! esse amor tão profundo!
Cruzando a vida e o tempo em entrega
Amor de vida que faz queimar o peito errante
O preto em fogo inflama o branco em grande drama
Pulsa firme a força iorubana
Incendiando minha savana africana.

Vácuo

*V*ácuo...Vácuo
Onde meu corpo se tortura
E cada vez mais se reduz
Mais e mais...

Vácuo...Vácuo
Que injeta meu olhar
Trinca meus dentes
Cerra meu pulso
Tornando-o belicoso e aterrador

Vácuo...Vácuo
Penetra meu peito
Em estocadas espasmódicas
Curvando-me humilhanamente
Invasor de minha mente
Colonizador de meu íntimo
Devassador de meus mistérios

Vácuo...Vácuo
Ressuscitador de traumas
Induz-me à imolação

Faz depressivo cada amanhecer
Onde não me conluo
Onde talvez não exista

Vácuo...Vácuo
Envolvente e maléfico
Deprime ao máximo
Fazendo explodir
Fragmenta o existir
Faz gritar
Enlouquece

Vácuo inerte vácuo
Silencioso e frio como os anjos das catedrais
Torna-me úmido e saudoso
Camaleonístico mistificante
Exótico e bruxuleante
Cabalístico

Vácuo...Vácuo
Secreta tortura que induz ao prazer
Oferta-nos diamantes
Enquanto sonhamos com paz e felicidade
Divisor da fé que te mantém de pé
Pretoriano da minha investigação social
Dilacera meu conhecimento mais profundo
Mostra-me o universo indecifrável
Vácuo...Vácuo

Fardo abstrato que verga-me ao peso do ser
Cárcere difuso desprovido de racionalidade
Medonho e opressor
Misterioso e doloroso
Deveras insuportável

Vácuo enigmático vácuo
Real contrassenso
Que emana do insondável
Martírio escorregadio de tese e antítese
Princípio, meio e fim
Manicômio dos desesperados
Dimensão macrocós mica
Jardim do surreal

Vácuo desafiador da Onisciência
Pulverizador de alicerces
Redutor de sanidades
Galeria de espelhos deformantes
Orquestra dissonante
Que esmaga os corações solitários
Naufragando-os silenciosamente
No mar do sem-fim-da-alma
Em pujante degradação metafísica

Vácuo arrogante vácuo
Força espiritual
Manipulador de fantoches

Incrustador eterno
Síntese das epopeias derrotadas
Espiral misteriosa e jactante
Inóspita e indomável
Pai dos neuróticos e possuídos

Vácuo ofuscante vácuo
Transpassa meus ouvidos com seu som metálico
Cega-me à razão
Atira-me desordenado aos paredões do destino
Fazendo doer

Vácuo acuo-te vácuo
Evoco que evacue-me entre as estrelas
Validando minha existência tão miserável e vil
Vácuo enigmático vácuo
Vou e volto em ti
Morto em teus limites interiores
Vivo em teu horizonte de eventos
Entro e saio dopado e arquejante
Cada vez sou mais vácuo
Parcial total vácuo
Vácuo.

Coquetel de Ilusões

Segredos que agora te conto
Momentos carentes
São coisas de bar
São dores da inconsciência
Tristes confidências
Do verbo amar-gar

Segredos de amor tão profundos
Tão inconfessáveis que álcool requer
Envolvem minha alma sofrida
De rota falida
De ser tão mulher

A chave da felicidade
Resida talvez na grande ironia
De andar a seguir no caminho
Mesmo afirmando que nunca iria

Recolho meus cacos de vida
Na velha guarida do teu coração
Vertendo meus goles de vida
Em um coquetel chamado ilusão.

Mudez Psicanalítica

Deverias permanecer na mudez da sapiência
Ser como as cinzas de uma fogueira
Vítimas de um fogo vivo
Vivas cinzas
Mudas cinzas
Nunca se esqueça que estou fatigado das coisas comuns
Nos olhos vejo grandes planos
Não ousou confrontar o espelho da inconsciência
Ele é sádico e mordaz
Mostra as velhas feridas da alma
Purulentas e repugnantes
Vejo os infinitos anseios
Muitos alheios e outros não
Satisfazem minha mudez analítica
Psicanalítica
Investigadora de minhas barbáries
De minhas cruzadas pagãs
Do meu inferno mais profundo
Sento no rochedo e o sangue brota pelas pedras
Batalhas heroicas surgem no verso de cédulas monetárias
Deverias ver a bravura dos soldados
Eles cantam canções de vida e glória

Enquanto marcham sobre cadáveres amorfos
Como é estranha a saga humana!
As palavras jorram desordenadamente de ti
Assim como o goleiro ao sentir o iminente gol de placa
Deverias não se sentir assim
E não enevoar-se de palavras vãs
Sinto o criptar das chamas
Dobro-me hilariante perante tuas teorias também vãs
Mas em silêncio
Dobro e redescubro teu origami ainda não estéril
Que sofre perante a ampulheta
Muda
Aos nossos anseios
Muda
De lado quando termina o tempo da vida
Muda
Cada vez que o cão late
Mas diante da ampulheta a vida é vã e infrutífera
Absurda e surda à mudez analítica
Psicanalítica
Muda cinza
Viva cinza
Que trata com desdém o vento desnecessário
Absurdamente.

Slave

Dia perdido na vida profana
Dia vadio na cama perdida
Gira o sonho no mundo, vento solar
Bocas muy locas de bar e beijar

Te conheci ao me achar em teus medos
Afoguei em teus mares inconfessáveis segredos
O paraíso te ofereceu eu fruta proibida
Sou teu pecado, tua maçã, tua Eva banida

Eu uivo em noites de luas cheias de bourbon
Sou o feitiço que te escraviza e acho bom
Ouvindo sinos que lamentam catedrais
Chamando o fogo que sempre faz te querer mais

Minhas entranhas ardem, queimam, sou vulcão
Finjo nuvens nas batalhas da paixão
Entrego a lava que escorre dos costados
Olhar e tez, cheiro, sabor, corpos suados

Coração quente que acende o que vou dar
Em seus frangalhos de coração quero pisar
Enlouquecendo pulverizo a decência
Sob o hedonismo me entrego à demência

Minha perfídia chicoteia ao luar
Sacerdotisa, te entrego ao altar
Meu cão vadio, doce escravo, arlequim
Meu clown desnudo, meu brinquedo que diz sim.

Solidão

Quando o único caminho é a solidão
Esqueça a harmonia
Se a estrada é extenuante
Não se deve cansar a mulher
Linda, bela, doce
Repleta de energia e felicidade
Doida de vontade de ser feliz no mundo

Caminhar só
Envelhecer só
Como os elefantes ao término da vida

Deixar a vida se consumir enquanto chama
Sem estardalhaço
Silêncio! os bebês dormem!
A chama da vida vai se apagando aos poucos
Serenidade
Sem ninguém
Sem tragédia grega
Somente as insistentes e anônimas
Carpideiras de si.

As chamas do meu vulcão estão se extinguindo
Dentre as plúmbeas cinzas
Meu espectro permanece imóvel
Sua silhueta é terrível
Seu olhar irresistível
Então decompostos seremos eternizados pela lava caliente
Responsável pelo nosso não apodrecimento.

Tempo de Outono

Teu cheiro invade minha alma como o frescor de outono
Cores intensas, densas e tensas é o graal da estação
Frágil, pobre e insano coração brasileiro...
Tropical, lona rota, silencioso picadeiro
O amor passa na vida como um circo surreal
O palhaço chora as dores da plateia no final
Foucault, Freud e Lacan sangram o respeitável público
Entregando à tua praia seixos vindos do passado
Silenciosos e carentes em presente obscuro
Com os seixos construímos paredões em nossa alma
Formamos enormes diques que represam nossos desejos
Me afaço com bourbon em estranhas noites frias
Beijo bocas diferentes e indiferentes bar em bar
Me embriago e sigo triste em minha dor e solidão
Ouço ao longe o vazio da existência na canção
Trôpego sou tombado pelas luzes da cidade
Que iluminam em neon a dura realidade
O trapezista mergulha no vazio, é tempo de outono
Sob um manto de obsessões quando tudo era carmim

E o brilho que se perdeu no olhar não se percebe
Que o deus que me habita é meio grávido de ti

É tanta hipocrisia que rola no picadeiro
Que o palhaço dobra a lona e envergonhado devolve o dinheiro
Pensando que cairia muito bem um bom licor
É fastio de amor é estio de torpor
No meio do vale da vida encontrei a arca perdida
Nas encostas de um monte onde está o deus amor

Meu sonho de vida, meu farol, meu guia na noite escura
Desviando dos rochedos, da terrível criatura
Fico a navegar desviando dos meus medos
As delícias, hedonismos, doces ilhas de pecado
Se jogar de peito aberto sem ter coração fechado
Patuás e cicatrizes nos protegem de emoções
Natureza, cio dos deuses, gloriosa criação
Essa lua fica estranha quando a gente ama calado
O meu corpo arde em chamas quando me chamas pro teu lado
Te obedeço mas você busca outras terras, mundos distantes
Sou as cinzas de um vulcão que morreu jorrando amor
Destruindo as cidades no caminho que corria
Numa trilha nua e crua chamada melancolia

Me entrego à lua branca ao prazer da tua lembrança
Ilusão por ter perdido o amor de eternidade
Esperando a vela branca que não vem no horizonte
Trazendo as gaivotas e o amor de uma saudade
E assim se foi presente é passado sem futuro

É o êxodo do afeto novamente erguendo muros
Prometi um carnaval, de paixão, sol e folia
Mas a perda de calor incinerou a fantasia.

Voo

Gotas de fogo no oceano d'alma
Unhas cravadas na ordem do desejo
Diante de tantos estertores
Os túmulos exalam suspiros
As carnes e os ossos
Derretem-se ao sabor dos sorrisos
Interior esfarrapado
Ventre rasgado exposto ao luar
Unhas cravadas na ordem do desejo
Adianto e acelero o relógio de minha morte
Golfadas de sangue colorem a flor
Toda a vida passa em um segundo
E flutuo para o paraíso.

Vida Madrasta

Sofri pensando nesse amor
Não fui feliz
A vida não me sorriu
Amar e ser amado é um jogo
Água, ar e fogo
Procurando combinar
Busquei felicidade em teus braços
Encontrei desilusão
Sonhos desfeitos no ar
Te abriguei no meu abraço
Apesar do cansaço
Estendi a mão
Você sorriu do meu fracasso
Procurando outro braço
Abraçou a ingratidão
Sigo triste em meu caminho
Migalhas de amor não bastam
Vivo com amargura
Caminho só na noite escura
Vivendo a vida madrasta
Sempre à tua procura.

Sentido

A solidão do gelo aquece Palas
A confusão do fogo congela
Ave Demo Naturalis Sapiens
A paz rege as tumbas

Conquanto canonizem santos negros
Conquanto Secula – Seculorum

Jorrará do peito a dor
Revolvido pelo aço frio do punhal

O astro-rei carrasco das legiões macedônicas
Corre o etéreo e cata sentido
Universal labirinto coordenado
Pater-Primus das calendas

Havia Sófocles
Havia Diógenes
Havia luz

A confusão do gelo
A solidão do fogo.

Olhos de Vida

Rasgar esse amor e me rasgar
Banhar-me em lágrimas
Por tão dolorido pranto
Silencioso
Imemorial
Os dentes tortos à mostra escondem o blefe
Falsa felicidade de botequim
Quando o véu for levantado
Será tudo tão nu
Que surgirá um estranho pudor
Tão irreal quanto a realidade
Então os olhos buscarão os mistérios
Mistérios não humanos
Que nunca serão desvendados
E novamente descerá o véu

Mu

A verdadeira causa não está aqui
Nem foi buscada
Não enxugou o suor das mentes... (androides ao redor)
Cria a flor o clima tenso
O vento finge nada perceber e alisa cada vez mais
Pelas grades dos nossos egos onde estamos aprisionados
Podemos ver uma réstia de luz bruxuleante
Iluminando os escombros do nosso existir
(Querubins coram ante à visão carnal)
O bem disfarçado de bem estrangula o cálido amanhecer
Nos corpos exaustos o verso reverte e cai
Livre enfim da ilha sem luar
Um triste pôr de sol ardente
Nos brinda com infindáveis borboletas assassinas
Elas matam meu canto homicida e duro
Existir cruel existir
Toca o fado a triste sina
Almas em conflito
Terra
Vida na Terra
O ser iluminado digno de toda a prova

Corta o vento e segue veloz

Nu

Pela planície infinita do amanhecer

Nu.

Fantasia

Vem que um mundo novo se anuncia
Vem cantar comigo esta canção
Vem, que os deuses chamam já é hora
Vem que o fogo da aurora
Incendeia nosso chão

Eu naveguei
Corredeiras da vida, correntezas
Ousei voar
Minhas asas são meu coração
Eu caminhei
Por caminhos repletos de beleza
Nas trincheiras lutei pela certeza
De amar, de sonhar, revolução

Vem que a vida inteira é uma festa
Vem brincar comigo o carnaval
Vem, seja meu par nessa alegria
Sou real sou fantasia
Sou o bem que vence o mal.

Guetos

Você lembra como eram lindos aqueles guetos?
Dos becos, das bocas e vielas
Das periferias e das favelas
Você lembra como era linda a escuridão?
A gente ziguezagueando pelas formas lúdicas do morrer
Ziguezagueando palpitantes e felizes demais
Não se importando com o fio da adaga ideológica
Conspirando contra o dragão do mal
E os guetos eram lindos!
Como eram lindos aqueles guetos
O cheiro do álcool do mimeógrafo no ar
A tensão dos carros pretos passando em velocidade reduzida
As notícias de quem caiu em algum ponto
A certeza de perder a família
Os amigos
O futebol de domingo
O barzinho da esquina
Perder o Brasilão
Um país desse tamanho que cabe em nossos corações
Viver na gringa
Saltando de lá prá cá
Daqui prá lá

Olhos e ouvidos na TV
Nossos guetos eram lindos
Hoje somos cacos do que fomos
A vida corta os pulsos da dor
E a gente corta o grito preso na garganta
Os sonhos são guardados por sentinelas
Nunca passam dos portais do paraíso
Ficam ali do lado de fora
Olhar pedinte
Como criança querendo doce no dia de Cosme, Damião e
Dom Um
O hoje nunca foi o tão impossível amanhã
Mas silenciosamente possível
E cá prá nós
As melhores cervejas da vida foram aquelas que bebemos
nos guetos.

Universo sem Nome

Entre esparsos passos miúdos
Veio viver sem rótulos
Trouxe um novo significado
Uma nova forma de se ver a vida
Traz pensamentos novos
Teimosia de pensar até razão para viver
E assim rompem-se as veias na esclerose do medo
É preciso pensar e viver...cumpre-se viver (mas cuidado!)
Eles estão à espreita!
Ah! Como é lindo o romper das horas!
Sentir em tantas horas
Fluir o tempo...Mas porque é tempo só de amar!
E ali ficamos absortos e estranhos
Observando a paciente fila de copos, lágrimas, silêncios,
loiras e morenas
Ela ri de um Deus que morreu sem razão
É preciso ressuscitar um novo Deus
Tão velho quanto nós
Passar na praça e prender o tempo
Viver em busca de um sacrário de amor
Mais que uma igreja
Uma mulher

Uma amiga
Gerando filhos em seu ventre farto
Nas tardes claras de domingo.

Pilão

Amulher negra passou a vida no pilão
Moendo anos de amargura e sofrimento
Dia após dia
Batendo
Socando
Triturando
Esmagando
Moeu toda sua existência no cativeiro do colonizador
Destruindo seus sonhos de liberdade
De viver livremente
Sonhar sem correntes
Ter uma família livre para amar e cuidar
O pilão triturou uma vida em sofrimento
A negra masca fumo e escarra
Sangue pisado nas mãos ancestrais
Sangue negro pisado na história
Existência negada
Esfarinhada
Restaram pequenos estilhaços
De lindos sonhos negros de liberdade nas savanas africanas
Que foram esmagados na realidade do pilão da dor
Conjugados no verbo amar-gar

Sonhos despedaçados
Estilhaçados
Tudo virou pó
Uma vida virou pó
O pilão esmagou a vida
O pilão massacrou a liberdade
O pilão arrebentou com o futuro
É a mão do colonizador sempre esmagando a liberdade
Pulverizando os sonhos de felicidade
O colonizador esmaga a beleza da vida no pilão da dominação
Haverá de ser julgado no pilão da história
Transformado em pó pela mão calejada da alma negra.

Retorno

Eu jamais tinha notado as coisas assim
O par de tênis meio gasto
A flauta quase coberta pela areia
Pegadas melancólicas saiam dali
Pelas dunas
Pelas margens
Seguiam indefinidamente
Também segui
Passaram anos
Sempre seguindo
Por todos os caminhos
Perdido nas brumas do tempo
Por rios, vales e montanhas
Não chegava nunca
Lá um pouco depois
Da metade da minha vida
Então em uma praia qualquer
As pegadas formaram um círculo e me cercaram
Então voltei-me e vi-me feliz
Cantando uma linda canção de amor
Tocando uma flauta com alguns grãos de areia
Usando um par de tênis meio gasto

Viajando na felicidade
Ali onde tinha me deixado.

Maria

Lá nas terras altas tão distantes
Vive um amor de fantasia
Dona de nome Maria
Que o anjo em festa anunciou
Em alegre romaria
A chegada triunfal
E o planeta abençoou
Mensageira da alegria

Sintam a beleza de Maria
O amor que traz o dia
Que a lua entregou
Com a luz de encantaria
E o canto assim chegou
Com o amor da luz do dia

É o canto do amor bom
É o amor Céu de Maria
Traz a paz e delicia
Beijo doce beija-flor
Beijo puro de Maria
Lua, paz, som, calmaria

Eu vejo o fogo do amor
Traz a chama de Maria
Que aquece a pele fria
Nos mistérios da paixão
Nas terras altas tão distantes
Tem um amor emocionante
Que clareia a luz do dia
Que me chama pelo vento
Chama de amor Maria.

No dia do seu Coração

No dia do seu coração
Não espere nada que não seja poesia
Não haverá manhã fria
Surgirá um ator
Sorrirá calor
Espalhará amor

No dia do seu coração
Todos sorrirão para você
Será feito um poema novo
Belo e ousado
As viúvas gostarão

No dia do seu coração
Cairão os regimes
Junto com os amores do passado
Que caem com os operários
Que constroem os regimes

No dia do seu coração
Cairão pedacinhos prateados da lua
Todos dançarão na rua

A festa será todas sua
E tudo será como deve ser.

Noite em Copacabana

Noite em Copacabana
Sonhos e desejos

Dor e solidão

Amores traídos

Amores bandidos

Nas 'garçonnières' do teu coração

Vida de guimbas...baganas

Na noite vazia...de Copacabana

Pegadas carentes desenham paixão

Na bruma que cobre o teu calçadão

Lobos devoram meninas

Em tuas entranhas em tuas esquinas

Amante abstrata, amarga porção

Princesa, Barata

Licor de ilusão

Lenda que emana pecados

Em beijos comprados...em corpos febris

No teu ventre aberto de gozo incerto

Eternas promessas de amor meretriz

Deusa...
Que cruza a história
Glamour e escória
Afrodite profana
Noite misteriosa
De Copacabana

Jardim de Esperança

Amor é sensação que cruza o tempo
Sentimento na memória
Território de paixões
Secreta doses de felicidades
Serenando tempestades
Traz paz aos corações
Das flores o amor é o aroma
Que cobre o jardim de esperanças
Onde reina o beija-flor
Na vida é sublime é conforto
É barco chegando no porto
Do amor eterno amor

Em tantos mares de ilusão
Enfrentei noites sombrias
No silêncio eu chorei
E vi através das lágrimas
Que o amor é a verdade
Dos caminhos que andei.

Loucos Carnavais

Partir com vontade de ficar
É como o fogo que deixa a fogueira
Sabendo que não vai voltar
É beijo frio, sem abraço e sem calor
É a tristeza que machuca e causa dor
É dolorido o partir com amor no coração
Saber que tua alegria já está em outros braços
Logo eu de tantas madrugadas
Mil amores
Parti sozinho nessa dura caminhada
Não quero pensar no teu calor
Nosso ninho rodeado de amor
Bati a porta com o peso dos mortais
Como viver sem teus loucos carnavais.

Blues do Leblon

Beijo o sol que sai da tua pele
No luar do Leblon
Baixo, baixo, bem baixo, baixinho
Procuro Seu Tom

Meu amor, meu tesão minha vida
Meu blues é você
Que arrasa com a minha harmonia
Meu blues é você

Chega pisa e dança nos cacos do meu coração
Derramando volúpia e paixão
Como um samba-canção
Meu amor, meu tesão, minha vida
Meu blues é você
Que arrasa com a minha harmonia
Meu blues é você

Vou te amar, vou te amar, vou te amar
No luar do Leblon
Te beijar, te beijar, te beijar
Lá no baixo Leblon

Meu amor, meu tesão, minha vida
Meu blues é você
Que arrasa com a minha harmonia
Meu blues é você.

Identidade

Passo pela cidade
Alguém pergunta:
“Quem sou eu?”

Nos becos fétidos
Nas vielas salgadas
Na poeira do silêncio
Alguém pergunta:
“Quem sou eu?”

Na bruma dos cemitérios
Uma voz em meu pensamento
Me pergunta:
“Quem sou eu?”

No avião sobre as nuvens
Um frio nos olhos me pergunta
“Quem sou eu?”

No mar sem fim
O canto de sereia me seduz e pergunta:
“Quem sou eu?”

Com os olhos úmidos de saudade
Impassível me pergunto:
“O que restou do que fui?”.

Interior

Caminhando por esta natureza terral
Revivo a lembrança de comer barro, lamber chão
Crepúsculo anunciado por cigarras
Que insistem em anunciar o entardecer tão lindo e tão
desprezado
Por isso cantam até arrebentar
Lembrando os humanos da beleza do entardecer
Bicicletas com pneu balão
Meninas puras e pudicas
A pitoresca igrejinha matriz
Branca com portas azuis
Por onde pululam fantasmas clericais (geralmente no
cruzeiro)
E tome poeira, barro, chão
Calcanhar rachado de tanto sertão
Casinhas de pombos, pombal
Galinhas d'angolas atarefadas atrás de escorpiões
Urubus pairam preguiçosos
Tudo cheira à letargia
Sob o ranger dos carros de bois
Queda-se o entardecer
E um assombrado pôr de sol se apresenta

Quando o prisma rubro do entardecer modela-se
Vermelho
Vivo
Mostrando a magnificência de Deus
Silencioso volto ao velho quarto
Os trastes eternos me observam
O tijolo amparando o estrado da cama
A mesa reumática contrariando Newton
A cama sinuosa
O chão de vermelhão
A umidade renitente
A parede de tijolos de barro assimétricos
Tão fatigados esses tijolos
No velho quarto nem as baratas visitam-me mais
Estão afoitas por vida
Detenho-me entre tão sutis vínculos domésticos
Assombrado ao fitar as aracnídeas telhas francesas
Que recebem infindáveis suspiros da mais pura poesia.

Lua Branca

Lua branca cor de prata
Argentada que me vem
Ilumina meu caminho
E o caminho do meu bem

Quando cheia explodes nua
Quando nova se contém
Se crescente se insinuas
Se minguante és ninguém

Na floresta és pura prata
Enamora à beira-mar
Da janela me espantas
Lua branca meu luar

Meu São Jorge em, seu cavalo
Por ti luta faz a guerra
É o guardião do segredo
Que você comanda a Terra.

Gaya

Viajantes do universo
Somos filhos das estrela
Que beleza poder tê-las
Na grandeza desses versos

Mãe da lua filha do sol
Baila no espaço profundo
Ventre farto atmosfera
Gaya Terra é nosso mundo

A noite cobre o Japão
Aqui é sol na Bahia
E o planeta vai girando
Em sua linda sinfonia

E a vida que a gente traz
É a vida que a gente leva
Vem do Éden verdadeiro
África de Adão e Eva.

Floresta Cordilheira

Ande, corra, viva, sonhe, anda
Pela vida em seu voo
Sentindo o sereno da brisa
Tanto sabor de viver
Se conhecer, desabrochar
Como as sementes da floresta
Natura em festa, chão, mata verde
Violão, viola, flor
É tudo amor
Som de criança no mato
Esperança no abraço
Paz divina da montanha
Ser alma de cordilheira
Levando o sol
Levando a lua
No sonho da algibeira
Sabor de sal
Sol, cordilheira
Música do sal da terra
Mi amor guantanamera
Mi cocalera
Mi pantaneira

Mi ayusquera
Amores da vida inteira
Amor sem fim deusa na terra
Ser um ponto no astral
Amazônia verdadeira
Vivam os povos da floresta
Miração paz verdadeira
Amoe pela vida inteira
Amazônia brasileira
Amor pela vida inteira
Salve a virgem mãe de Deus
Patriarca São José
Salve o Menino Deus.

Atlântico Negro

As ondas beijam incessantes
O frio barco da dor
Ventre grávido de lamentos
Lamentos, dor e horror

Atlântico mar insensível
Profundo de tanto abandono
Morada de corpos carentes
Atlântico mar desumano

A cruz e a espada unidas
Cavalgam-te em louco corcel
Navega-te a dama da ira
Em hordas cobertas de fel

Chibata, sangue, confissão
A cruz e a submissão
A alma apartada do corpo
A espada faz a perversão

Atlântico rota sofrida
De África terra esquecida

Ao Novo Mundo homicida
A cruz e a espada unidas

Espada, cruz, escravidão
Maldito porto solidão
Atlântico és pingo d'água
Diante da separação
Negreiro, cruz, escravidão
Espada, missal, confissão
A dor do tamanho do mundo
Afoga a civilização.

Brasileira

Sou brasileira
Sou N'zinga sou herdeira de Dandara
Reza forte, iorubá eu sou Iara
Ket, Gêge, Daomé, Oya, Nago

Lá em Palmares guerreira
Iabá sou mandingueira
Corpo fechado, jongueira
Baiana de Cachoeira
Deusa da raça, festeira
Angola sou capoeira
Lá no Bonfim lavadeira
Quilombola brasileira

Sou brasileira
Sou N'zinga sou herdeira de Dandara
Reza forte, iorubá eu sou Iara
Ket, Gêge, Daomé, Oya, Nago

No samba sou partideira
Também sou nó na madeira

Me chamam de candongueira
Cantei na tamarineira
Rainha da gafieira
Passista em Madureira
Cabrocha lá na Mangueira
Eu sou mulher brasileira.

Vapores Baratos

Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!
Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!

Tua estrada da vida é salgada
Tua vida uma amarga ilusão
E aquele corpo estendido no chão
É prá bancar a vida boa do patrão

São pretos, são pardos, mulatos
São pobres vapores baratos
E todo corpo estendido no chão
É prá bancar a vida boa do patrão

A mãe chora o filho no quarto
O filho que não vai voltar
Não dormem nem deixam dormir
São sonhos rasgados no ar

Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!

Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!

É vida carimbada no útero da mãe
A morte é o peito amigo que encerra o futuro
E a sociedade fica sempre atrás do muro
Fingindo que se importa
Mas carrega o mal me quer
De noites são ervas daninhas
De dia são o bem me quer
Ninguém quer meter a colher
Ninguém quer meter a colher
De noite são ervas daninhas
De dia são o bem me quer
De noite pecado e luxúria
De dia marido e mulher

Os becos na madrugada são pedreira meu irmão
Eu vejo que São Jorge está perdendo pro dragão
As balas são perdidas sempre achando quem não quer
E a sociedade não quer meter a colher
Ninguém quer meter a colher
Ninguém quer meter a colher
Salve-se quem puder!
Salve-se quem puder!

A pátria varonil que te pariu faliu
Matar mais um negro é normal

Cortando a linha da vida
Dos que avançaram o sinal
Cortando os sonhos na marra
Carrasco institucional

São pretos, são pardos, mulatos
São pobres vapores baratos
E todo corpo estendido no chão
É pra bancar a vida boa do patrão
Ogum salve os erês!
Ogun salve os erês!
Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!

Há guerras no mundo dos homens
Orgasmos dos anjos do mal
Metendo o louco nos manos
Que um dia avançaram o sinal

São pretos, são pardos, mulatos
São pobres vapores baratos
E todo corpo estendido no chão
É pra bancar a vida boa do patrão
E todo corpo estendido no chão
É pra bancar a vida boa do patrão
Ogun Salve os erês!
Salve os erês! Salve os erês! Salve os erês!
Dá um salve aê!

Vermelho

Vida de sinal
Fechou, vai! Vai menor! Já é!
Mundos diferentes em diferentes ambientes
Separados pelo vidro insensível e temperado do automóvel e
pela insossa indiferença das ruas
Pela desigualdade transparente
Fado de vida
Retirar dos parques segundos vermelhos
Uma interação ontológica com o outro
Do átimo de espera
Um sorriso carente de amor
Esconde uma existência de dor
O sinal não espera
Semáforo frio, olhar dos homens sem luz
Verde é verde
Vermelho é vermelho
Entre um e outro reina um universo de desejos
Os carros ficam tensos, são ansiosos! querem partir!
Mergulham na direção de seus indecifráveis futuros
Fechou mané! Já é!
Mostre suas carências flutuantes
Através do balé dolorido das bolinhas

Malabarismos com bolinhas no sinal
Sinal de falência da civilização, da humanidade
Tão pouca idade e tanta umidade
Sol escaldante, chuva fina, noite fria
O show não pode parar
A fome não espera
A escola pode esperar
Quem sabe um dia
Tenha um dia de criança feliz
Sonhos esmagados na raiz africana
Socados no pilão da indiferença da urbe
Eu quero um deus que me traga a justiça em sua plenitude
Que me traga o calor do amor pelos que padecem
Um deus sem cascas
Que se emprenhe em um deus novo e amoroso
O Deus da restauração
Ou da rebelião
O balé quântico das bolinhas se inicia
Buscando a aprovação insensível da cidade
Com gestos de amor e prazer
Que preenchem de cor e magia o tamanho da desigualdade
É luz vermelha! Vai cumpadi! Bora mano! Já é!
No corre-corre do vermelho um diz sim, dez dizem não
Cem fingem alguma ocupação, mexem no celular para
disfarçar a indiferença
Evitam o compromisso espiritual da partilha com o irmão
De solidariedade
Mas um disse sim

Sangue bom
Salvou o pão e mortadela e o refri
Senão não dá para aguentar esse rojão
Fechou mané, um bom fez boa ação
Bolinhas mil na careta dos caretas
Subindo são lamentos no navio negreiro
Descendo são as pretas velhas no cativoiro
Socando a dor no pilão
Salvou o pão e o macarrão meu irmão!
E o do refri prá aguentar esse rojão!
Porque ninguém é de ferro não irmão!
Abriu, verde
Esperança.
Segue com a minha lembrança.

5P

O 5P é a nova ordem do gueto
Poder e paz para o povo preto

Poder pra decidir
A paz para viver
Vigiar e punir
Nós vamos combater
Isso aqui será Palmares
Palmares será aqui
Nossa história será feita
Pela lança de Zumbi

O 5P é a nova ordem do gueto
Poder e paz para o povo preto.

Quem manda na polícia pede voto pra você
Tira a paz e traz a guerra enriquece no poder
Esculacha a favela pega o certo e deixa torto
O vacilo do urubu é achar que o boi tá morto

O 5P é a nova ordem do gueto
Poder e paz para o povo preto

Nós vamos resistir e fazer rebelião
Negão larga a cachaça e vem fazer revolução
Toda negra é Dandara, cada negro guerrilheiro
Meu irmão, barata esperta, não atravessa galinheiro

O 5P é a nova ordem do gueto
Poder e paz para o povo preto.

Elite e Favela

É a velha estória da elite oprimindo a favela
É o povo pobre da perifa se lascando nas vielas
E na peleja desigual entre o estado e o povão
O culpado por morrer é o coitado do irmão
A justiça matou no peito e devolveu de canela
É a velha estória da elite oprimindo a favela

A injustiça dói! A injustiça dói!
Capitalismo não rima com igualdade
A injustiça dói! A injustiça dói!
O genocídio da negrada mancha a humanidade

O sangue do negão tá convocando lá do chão
Tá lá desafiando a consciência do povão
Tá lá nos intimando a fazer revolução
O povo vai fazer a verdadeira abolição

Palmares é aqui Canudos guerrilheiro
Somos filhos de Zumbi e Antônio Conselheiro
Somos cangaço e herdeiros de Lampião
Somos Malês fazendo a revolução
Aqui o povo luta o povo não amarela

Quando a força da cultura é o comando da favela
No baile funk, no jongo, na passarela
Na beleza da passista
Nos artistas das vielas
Seres brilhantes diamantes cintilantes
Personagens fascinantes que a elite atropela

Viva Cartola, Mano Décio da Viola, Dona Zica, Dona Neuma,
Babaú, Zé Espinguela;
Carlos Cachça, Dona Ivone, Zé com Fome, Lecy, Geraldo
Pereira, Bid e Paulo da Portela;
Zé Criolinho, grande Nelson Cavaquinho, Padeirinho, Mole-
quinho, Dona Eulália e o povo dela;
Coluna Prestes, Araguaia, Abdias, Apolônio, Sant Dias, Chi-
co Mendes, Marighella;
Tibete livre, África reparação, Palestina pátria livre o bom
cubano é meu irmão;
O povo negro no Haiti fez gol de placa e a elite deu carrinho
e até hoje contra ataca;
No USA (uesseêi) do Mississipi ao Alabama Luther King e
Malcoln X prepararam pro Obama;
Falei e disse, já mandei o meu recado
Seja pobre ou seja rico é cada um no seu quadrado
Aqui o povo luta o povo não amarela
Mas no ônibus da vida o rico anda na janela
Aqui o povo luta o povo não amarela
Eu sou mais é João Cândido e Teresa de Benguela.

Epitáfio

Faça de conta que eu morri
Se tu quiseres lhe adianto o epitáfio
Aqui jaz um bambambam do tamborim
E um bom compositor
Feito no Largo do Estácio

Quando o nosso amor esmoreceu
De mel a fel
Fez a vida amargar
Devias ter procurado um outro rumo
Encontrado um novo prumo
E na vida se equilibrar

Hoje choras por felicidade
Imploras fidelidade
Coisas que eu não posso dar
Esqueça nossos sonhos de outrora
Busque uma nova aurora
Que o meu sol não vai raiará.

Falso Perdão

Te dei amor te dei carinho
Nas noites frias te aqueci com meu calor
Deixaste nosso mundo de delícias
Iludido por carícias
Recebidas de um falso amor

Chora hoje em dia você chora
Arrependido pelo mal que me causou
Pelas feridas que abriu em minha vida
Companheira de guarida que você abandonou

Volta que a porta está aberta
Eu não te quero mas meu coração te quer
Não terás mais nosso mundo de delícias
Mas apenas a malícia e meus segredos de mulher.

Criação

Como é bela a natureza
Pólen de toda a beleza
Dos sonhos do Criador
Uma grande consciência
Eterna Onisciência
Consciência universal
Gaya tem ligações
Ligamentos, filamentos
Capricho da criação

Digitais de um ser supremo
Deusa mãe desta canção
Deusa mão da criação
Colorindo o universo
Com seu ventre de emoção
Viajando entre as estrelas
Meteoro de paixão
Colorindo o universo
Com amor no coração
Espalhando a beleza
Milagre da criação
Cipó, folha, miração

Atmosfera, expansão, constelação
É amor no coração

Colombina Perdida

Vi você mulher desabrochar em flor
Se iluminando para o amor
Lembrei das lindas noites de verão
Quanto eu lhe entregue o meu coração
É tempo que não volta é destino
É vida que segue
É desatino

De todos os romances que vivi
Do nosso amor
Não esqueci
Do tempo do desejo e da paixão
Das nossas loucuras
Da emoção

Hoje só me resta a lembrança
Poder sonhar
Doce esperança
A flecha do cupido me alcançou
Me feriu pra sempre e aqui estou
Vivendo na folia da desilusão
Sou pierrô

Na solidão
Eterno amor de toda a minha vida
Minha colombina perdida.

Calvário

Se um dia o meu bom Deus
Recriar a humanidade
Jesus Cristo irá nascer
Na minha comunidade

Judiada tão sofrida
Vivendo ao deus dará
Na minha comunidade
Ele irá transformar
Covardia em justiça
Desalento em esperança
Consolando os mais velhos
Protegendo as crianças
Nas mesas o santo alimento
Nos lares paz e amor
E o merecido descanso
Do povo trabalhador
Jesus na comunidade
Que maravilha será
A nova Jerusalém
Do meu Leão de Judá

Se somos à Sua imagem
Carregamos nossa cruz
No calvário da favela
Onde descerá Jesus.

Canto de Miração

Flutuando no universo
Gaya diamante azul
Mar, floresta, natureza
Paraíso do astral

Fauna, flora, caipora
Pajé, índio, curupira
Sete Flexas, Oxum, Oxossi
Se apresentam nessa gira
Bichos, rios, cachoeiras
Biocivilização
Ar, espiritualidade
São irmãos amando irmãos

As florestas são palácios da grande soberania
Da nobreza universal
Espalhando no planeta toda essa energia
O amor transcendental

É canto de miração
Medicina natural
Deus movendo os destinos
Na ciência do astral.

Flor do Amor

Diz que nunca me amou
Que aqui não foi feliz
Nas águas da minha fonte
Saciaste o teu calor
Hoje renega o nosso amor

Quantas noites confessastes
Que das mulheres do mundo
Eras sempre a mais feliz
Regavas com inverdades
Ceifavas com falsidades
A flor do amor pela raiz

É destino desse amor ingrato
Ser escravo da desilusão
Aí o universo chora
A natureza implora
Pela nossa união
Se vieres sem vaidade
Nas sandálias da humildade
Vou reabrir as portas do meu coração.

Mãe Negra

Mãe negra que estás no céu, santificado seja vosso nome. De seu generoso ventre africano nasceu a humanidade. Oh! Eva! Negra Eva! Mãe de todos nós! Oh! Mãe da diversidade! Mãe dos degredados, dos despossuídos, dos famintos, daqueles que nada têm.

De seus seios fartos jorrou o leite que manteve de pé seus filhos diletos. Também nutriu o filho do branco que a escravizava. Leite bom, leite de sustança, leite de tetas sagradas que inundou o planeta de corpos fortes, sadios e viris.

Venha à nós o vosso amor, vosso acalanto, vossa sabedoria. Perdoai nossa covardia, nossa leniência, nossa omissão em não lutarmos pela restauração de teu reino perdido para os invasores. Perdoai oh! Mãe Negra! Por sermos reféns do medo, do terror, da paúra de um porvir maior.

Perdoai-nos Mãe Negra, por permitirmos que esse sistema opressor escravize nosso povo. Por não nos rebelarmos por sair de uma escravidão para outra. Saímos do cativeiro da terra para o cativeiro do dinheiro, que nos é negado e sua falta nos atira para longe dos valhacoutos das cidades. Somos a bílis do corpo humano terra. Somos o esgar de uma orgulhosa civilização de outrora.

Perdoai-nos por não lutarmos pelo futuro de nossas crianças, nossas amadas crianças negras. Nosso futuro povo negro que encontrará uma muralha de indiferença e desconfiança que magoará para sempre seu tão puro coração, causando sofrimento e dor.

O racismo Mãe Negra, nos destrói em silêncio. Produz marcas invisíveis, faz com que machuque sem deixar marcas visíveis, mas marca para sempre a alma. A dor do negro é uma dor solitária, é dor de peregrino, dor de tuaregue nos desertos da alma.

O racismo apaga aos poucos o sorriso franco e nos impõe o sorriso forçado. O sorriso de negro gente boa, de negro sangue bom, de negro de alma branca. O pior é que não lutamos. Nosso povo perdeu o rumo da luta que ficou na Serra da Barriga com Zumbi e seus guerreiros e guerreiras, que lutaram por 100 anos contra dois impérios. Nós decidimos ficar quietos por aqui Mãe Negra. Lutamos no teclado do computador enquanto nossos povo está sendo massacrado pelo poder dos brancos de má vontade, que querem nos relegar uma cidadania de terceira, pois a de segunda já vivenciamos.

De terceira também será a cova rasa para mais de 35 mil jovens negros que são assassinados todos os anos. Agora Mãe Negra, estão nos exterminando sob a égide da lei. Nosso povo está morrendo de várias maneiras: pelas balas da polícia, na violência do narcotráfico, da pedra de crack, pela tortura, pela inanição, pelos abortos clandestinos, isso mesmo Mãe Negra, não satisfeitos em nos matar não nos deixam ao menos nascer. No futuro não existiremos mais. Somos estoque étnico descartável

para o capitalismo. As balas que nos oferecem são de chumbo e não de confeitos ou guloseimas.

O pão nosso de cada dia Mãe Negra, é a dor de ver nosso povo sob os viadutos no que pode se chamar de arremedo de vida. Vivendo nos guetos, nas palafitas, nas favelas, sem trabalho, sem recursos, sem dignidade. Por isso Mãe Negra que estais no céu, perdoai nossas dívidas por que não temos como pagá-las. O sistema é cruel e não nos dá trégua.

Perdoai as nossas dívidas, pois nossas dívidas também são existenciais. Nossos credores espirituais que estão no Orum são Zumbi dos Palmares, João Cândido, Teresa de Benguela, Steve Biko, Malcolm X, Martin Luther King, Marielle Franco, George Floyd, Rosa Parks e tantos outros que esperam mais de nosso povo e ficamos atados ao imobilismo. Aguardando um porvir prometido pelo canto de sereia do capitalismo que nunca virá. Os brancos racistas possuem o dom de iludir. Nos acenam com falsas possibilidades e assim nos mantêm em modo de esperança, onde o futuro é uma porta na linha do horizonte da qual jogaram a chave fora.

Perdoai nossa dívidas assim como nós não perdoamos a dos nossos devedores. Dos colonizadores, dos escravistas, dos traficantes de escravos que tantas dores infligiram ao nosso povo, nossos sofridos ancestrais.

Perdoai nossas ofensas assim como não perdoamos a quem nos tenha ofendido com a crueldade do cativo. E que ainda nos ofende com a indiferença, com a desigualdade, com o racismo e o preconceito. Não perdoamos aos que nos delegam um sistema de ensino falido, uma educação de péssima qualidade, o interdito ao acesso à cultura e ao lazer.

Santificado seja o vosso nome, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos é negado hoje. E então caímos em tentação e muitos de nós recorrem ao delito, à desobediência civil e se tornam pessoas à margem da lei, em conflito com a lei, como diz a lei criada pelos brancos. Na verdade acho que a lei é quem está em conflito com eles, desde que nasceram. Antes de nascer já eram humilhados pela obstetrícia violenta. Depois que nascem pela violência das comunidades, pela falta de apoio escolar, pelo estreito convívio com o narcotráfico, com o álcool e outras formas lícitas e ilícitas de fuga da realidade.

Por favor nos deixeis cair em tentação. Nos livre do mal da docilidade, da doma, da subserviência, da resignação. Dê-nos o pecado da rebelião, do confronto, das trincheiras da liberdade. Tire-nos, oh! Mãe Negra, desse limbo, tão cheias de graças que és e que tudo pode! Acorde-nos desse sonho que nos imobiliza, faz com que haja um despertar coletivo, onde arcanjos negros e brancos possam soar suas trombetas e assim comandar nossos exércitos rumo à liberdade. Bendita sois vós entre as mulheres! Bendita sois vós que sempre nos amparou e nos amou.

Vamos nós ao vosso reino após vencermos essa luta. Vamos vencer a maldade, a segregação, a intolerância. Vamos marchar nas ruas e avenidas das cidades. Será feita a vossa vontade e sede de justiça. Que cada pessoa do povo negro possa ser reconhecido como igual, apesar das nossas diferenças. Assim seja na Terra como no Céu.

Céu de Noel

Mas eu também não vou querer choro nem vela
Quando eu morrer na passarela
Infelizmente não vai ter fita amarela
A fila andou com o nome dela

Não tem tristeza vai ter mesmo é gurufim
Já que o meu lar é um botequim
Cerva gelada, feijoada, pagodão
E uma mulata assanhada
Sapateando no meu caixão

Meu bem no céu se faz samba também
É só chegar e não abafar ninguém
Não tem birita, tira-gosto, torresminho, arrasta-pé
Desse jeito assim eu volto pra te ver ô mulher
São Pedro disse partideiro se quiser ver o Noel
É só pegar uma nuvem pra Vila Isabel do céu.

Chuva de Amor

Chuva caindo
Vida lá fora
Sem teu sorriso
Por que você foi embora?

Sou flor no jardim do amor
Suga meu mel beija-flor
A chuva caindo lá fora
Volta meu amor meu demora

Quero te abraçar beijar muito
Quero namorar ficar junto
A chuva caindo lá fora
Por quê você foi embora?

Canto para Oxum

Ialodê mãe rainha do ijexá
Senhora dona do ouro
Toda a riqueza que há
Minha mais doce mamãe
Minha mais linda mamãe
A rainha do ijexá

Carrega meus sonhos em teu colo generoso
Nas águas do mundo
Carrega no colo o filho do mundo
Teus filhos e filhas nós somos mais um

Mamãe me carregue em seu amor
Poder glorioso da fertilidade
Teu canto é poder e produz o milagre
De transformar o mal em bondade

Riqueza maior não há
Beleza maior não há
Ogun, Abebê, Ofá
Xangô, Oxossi, Adê
Mamãe Ialodê

Teu filho Logunrdê
Aiê canta o amor no Ylê
Axé minha mãe
Ialodê.

Corredeira

Na natureza
A beleza quer dançar
Na sutileza
Que o corpo vai mostrar
Vento vida faz balanço
Força viva imortal
Deslizar na luz pôr do sol
Arco Íris dom de Deus
Arte livre no portal
Seres elementares
Camafeu na cumieira
Mato, céu, flor de oliveira
Corpo solto natural
Vida, paz, viva, videira

Se joga no verde ao som
Desse balanço multicolor
Cada um é mais você
Olha o som do rio
É a voz do criador
Fotossíntese do ser
Sinos, voz do interior

Corpo inerte no compasso imensidão
É o poder da criação
Sincronia gaya viva me domina
Na busca da perfeição

Eu sou o verde
Eu sou a água
Sou volume cachoeira
Sou cerejeira
Corredeira no quintal
No quintal sou cordilheira
Sou varal, sou amoreira
Sou a dança do astral

Depoimento do Malandro

(Uma homenagem a Moreira da Silva e ao Samba de Breque)

Fu vim aqui cantar o meu samba de breque
Por ser de breque tem que ter jeito moleque
Quero cantar a velha Lapa tão querida
E relembrar na poesia tempos que não voltam mais

Quem diz sou eu que sou malandro das antigas
Do panamá, terno de linho e sapato bicolor
Ganhei a vida no bilhar e no dadinho
E no baralho de ronda sempre fui um professor

Levei corrida da Invernada de Olaria
Amei meninas que faziam trottoir no cabaré
Nos velhos arcos quando eu abria a navalha
Na madrugada não ficava um de pé

Breque: Joguei roda de capoeira onde só tinha bambambam. Sete Coroas, Babilônia, Meia-Noite e Satã. O risca-faca era regado à Vermuth e Bagaceira. “Falso baiano não se cria” dizia Geraldo Pereira.

Na velha Lapa quem reinava era o sambista
O Noel Rosa duelava sambas com Wilson Batista
João da Baiana e Ciata na janela
Admiravam Ataulfo, Bid e Paulo da Portela

Cartola via que o mundo era o moinho
Com sua dor sempre passava o nosso Nelson Cavaquinho
E pra mostrar que o samba não é só Mangueira
Tinha Isamel, Donga, Sinhô, Natal, Silas de Oliveira

O Pixinguinha comandava oito batutas
Pérola negra encantou a burguesia de Paris
Com a Divina Elizeth e o Almirante
No café Nice imperava dominante

Joguei sinuca com Brancura e Edgar
O marido da Etelvina que acertara no milhar
Só jogo duro bola à bola até a sete
Eles bebendo anisete e eu quinado da Dubar

No Bar Capela bebia um rabo de galo
Ia direto pro salão da gafieira
Pra farrear e deslizar a noite inteira
Ouvir Gardel ao som de um bandoleòn
Na Estudantina eu tive uma grande surpresa
Me encantei com uma linda japonesa
Mais delicada que uma flor de cerejeira
A mais formosa da Kananga do Japão

Breque: Me aceitou para dançar com um sorriso oriental. Meu camarada eu nunca vi um rosto tão angelical. A linda gueixa flutuava ouvindo o som da Tabajara. Tiradentes exalava o glamour da Guanabara. Fui lá no fundo do baú da malandragem de primeira. Beber na fonte da saudade do mestre Kid Morengueira: “Você aqui tá no Brasil, não entra nessa meu irmão, nosso negócio é mulata, batucada e feijão. Arranja uma brasileira que dá menos confusão”.

Larguei a japa apaixonada e pulei fora
Tomei um Cuba e um Traçado no cabaré da Aurora
Não vi polacas nem as francesinhas quentes
Que alegravam a Lapa de antigamente

Breque Final:

“Deixei a Lapa trás e fui tomar a saideira. Num cospe-grosso da Mimososa lá na Praça da Bandeira. Peguei o trem pra Madureira que é o 13 Parador. Parando é breque e breque é samba, samba de bamba sim senhor”.

Madureira

Madureira...Madureira
Tua história viaja nos sonhos da minha emoção
Teus poetas construíram essa magia
Que balança no Trem do Samba do meu coração

Vem da sagrada Serrinha
Esse celeiro de bambas
Vem da batida do jongo
A Sinfônica do Samba
Formando a grande nação
Dona Eulália e os manos
Forraram o berço do samba
Com a bandeira do Império Serrano

Oswaldo Cruz foi teu ninho
Minha águia altaneira
Que levou para o mundo
O teu nome Madureira
Brilhas no jardim do samba
Entre as flores mais belas
Salve a nobre Velha Guarda
Salve Paulo da Portela.

O Céu do Sambista

Se chegar a minha hora vou cantar para subir
Eu lhes peço por favor não se entreguem à tristeza
Vou querer roda de samba de mesa
Samba quente, gente bamba e um animado gurufim

Também vai ter versador mestre de samba
Partideiros, ritimistas, tira-gosto de primeira
Cerva gelada, passistas, porta-bandeira
E o meu povo bonito de Mangueira e Madureira

Meu camarada não tô pronto para o céu
Eu quero é festa, samba até o sol raiar
Se não tiver roda com samba no pé
Desse jeito assim eu volto pra você ô mulher

Meu bom São Pedro quebra essa é carnaval
A minha escola desfila no especial
Sebastião meu parceiro padroeiro
Dá uma ideia no Pedrão e resgata o partideiro

Senhor São Pedro me libera dessa ida
Eu já vivo no alto

Moro em Santa Teresa
Não tem pedido o martelo foi batido
Eu subi pro céu do samba sem direito de defesa

Cheguei na manha, devagar no sapatinho
E dei de cara com seu Nelson Cavaquinho
Vi o Cartola com o Paulo da Portela
Eu vi Ciata, Dona Neuma e Dona Zica
Conversando com as rosas que falavam na janela

Beto Sem Braço, Anacleto e João Nogueira
Vi Dona Eulália, Mestre Silas de Oliveira
Vi Mano Décio o sambista imperador
Joãozinho da Pecadora e Ismael compositor
Mestre Candeia da Quilombo de Acari
Só tinha bamba seu Xangô e Jurandyr
Que céu é esse de gente tão animada
Olha a Tia Vicentina preparando a feijoada

Luizinho Imperatriz dando ideia o Cabana
Pixinguinha e Ataulfo com o João da Baiana
Olha lá seu Argemiro, Alvaiade e Casquinha
Abraçados com Ventura, Manacéia e Mijinha
Partideiros de primeira e bons sambistas de fato
Seu Jair do Cavaquinho e o Alberto Lonato
Filhos de águia orgulho de Madureira
Salve Dedé da Portela, Seu Alcides, Picolino

Só gente bamba, só sambista de primeira
Que levaram para o mundo o nome de Madureira

Tia Fé tirando onda raiz forte de Mangueira
Zé Espinguela, Zagaia e Padeirinho
Mestre Tinguinha e Waldomiro Pimenta
Seu Zé Ramos, Gargalhada, Darcy, Dória, Babaú
Porque Mangueira tem amor e tradição
Quem não se lembra do grande Chico Porrão
Carlos Cachaça, Preto Rico, Saturnino
Comprido, Mestre Taranta nosso Roberto Firmino
O morro desce a Mangueira vai sair
Seu Delegado, Jamelão e Luizito
Que maravilha a favela engalanada
Desse jeito não tem jeito
É dez em todo quesito

Salve Seu Miro o coração do Salgueiro
E seu patrono salve São Jorge Guerreiro
Com Sabiá, Binha e Geraldo Babão
Chico Rei trouxe a glória do Salgueiro campeão

Tia Maria na Serrinha foi Jongueira
Junto com Mestre Darcy estrondava Madureira
Vovó Joana nossa grande Imperatriz
Construíram o Império que faz o povo feliz
E da Congonha veio Dona Ivone Lara
Cantando com Molequinho e Mano Elói que coisa rara

Vilma, Mocinha, Raimunda e Dodô
Eterna Neide, Estrelas do Carnaval
Iluminaram para sempre a passarela
Hoje são eternamente bailarinas no astral

Viva Tijolo, Mestre André, Vila Vintém
Viva a nossa Mocidade
Porque se quiser lá tem
São tantos mestres que ocupam o céu inteiro
Alfredinho Bip Bip e o grande Roberto Ribeiro

Roberto Silva nosso príncipe do samba
Ubirany o cacique do quintal
Almir Guineto um sambista de primeira
E na turma dos Wilson vi o das Neves e o Moreira

Joãozinho Trinta me chamou para cantar
No céu do samba tem que provar pra entrar
Se for aceito vou receber do Noel
Um convite pra quizomba na Vila Isabel do Céu.

O mistério do Tião Nanico

Tião Nanico virou um grande mistério da ciência
Todo dia crescia um metro
Tenha a santa paciência
Da NASA veio um bonde de gênios para desvendar
O mistério do Tião Nanico que crescia sem parar
Veio inglês, africano, francês, russo e alemão
Veio um monge do Tibete e um ninja de preto do Japão
Acabou que foi tudo embora cheio de vergonha com a cara
no chão
Foi aí que chamaram um bicheiro de apelido Bolão
Bolão bicheiro matou a charada do tal crescimento
Todo dia ele passa na estica e manda um de galo de puro
fermento
Bolão bicheiro enquadrrou o nanico do alto da grua
Larga isso senão desse jeito tu vai alugar o São Jorge na lua.

Fundo de Poço tem Ralo

Focê me dispensou
Me largando no sufoco
Comeu o filé mignon
Me deixou roendo o osso
Jogou a vida pro alto na maior vacilação
Nosso caso de amor o nosso lindo barracão
Eu não sou bom professor
Não me venha com problemas
Quaquáquáquaráquáquá
Eu vou rir do teu dilema
Tá ralando na favela
Tá no maior batidão
Apanhando te avisei
Mais que bife de pensão
Tá pedindo pra voltar
Cada vez mais submissa
Cachorro mordido de cobra
Foge quando vê linguíça
Me implorando pra voltar
Na manha no sapatinho
Mas em rio de piranha água só de canudinho
Tá mais dura que um coco se humilhando aqui no morro

Outro dia até latiu pra economizar cachorro
Tá passando um dobrado dando bom dia a cavalo
Finalmente descobriu que no fundo do poço tem ralo.

Sereia

Sereia...Sereia
Salve essa gira de minha mãe Iemanjá
Navego na lua cheia
Mil estrelas a brilhar
Por tuas águas sereia
Pro meu amor encontrar
A estrela-guia me leva
Para alinha de além-mar
Para o teu trono sagrado
Pro teu berço dourado
Pro império do mar

Sereia...Sereia
Salve essa gira de minha mãe Iemanjá

Senhora de fevereiro
De sereníssimo olhar
Flores e água de cheiro
Com amor vou lhe ofertar
Teu manto azul cobre a terra
As montanhas e o mar
Beijas Xangô nos rochedos

Abraça Ogum na beira-mar

Sereia...Sereia

Salve essa gira de minha mãe Iemanjá

O teu poder é imenso

Faz o planeta vibrar

Em harmonia com a lua

Comanda as ondas do mar

Em tuas águas rainha

Todos têm que se curvar

Oh! Santa dona das águas

Enxugai nossas mágoas

Nossa mãe Iemanjá

Se Liga

Se liga no amor que eu te dei
Com todo o carinho de uma flor
Nos sonhos de nobreza fui teu rei
No jogo do amor fui perdedor

Mas eu quisera
Quisera eu sorver minha rainha
O mel da tua doce realeza
Quisera ser teu príncipe encantado
O teu tesouro a tua grande riqueza

Se liga que sou seu maior amor
Sou mel em seu jardim meu beija-flor
Quixote perdido pelos caminhos
Sem a donzela
Sem os meus loucos moinhos

Se liga que sou superstar
Amando como só eu sei te amar
Se liga nessa minha solidão
Se liga vem, beija o meu coração.

Samba Flor da Cultura

Quem gosta de samba de bamba
Entende que o samba é assim
Meio malandro, maneiro
Esperteleco, festeiro
Telecoteco de pandeiro e tamborim

É maravilha que brota do coração
Contagiando o poder da marcação
Amar o samba é amar o samba assim
Samba de amor colombina e arlequim

Samba é raiz é o céu do batuqueiro
Rei sem coroa que comanda o terreiro
Samba que é samba faz a massa delirar
Com a voz do partideiro o poeta popular

Samba de bamba tem levada é samba quente
Vai no talento garantindo o alto astral
O nosso samba representa a igualdade
Força da comunidade na aquarela racial

=

Peço licença às velhas guardas altaneiras
Às baianas pioneiras peço benção e axé
Parabéns aos ritmistas que desenham a melodia
Que extasia o Carnaval
Grandes passistas mostram o samba no pé
Agradecendo aos nossos compositores
São trovadores da história verdadeira
Jardineiros da semente mais bonita da cultura brasileira.

Doces Cristais

Enquanto não ouvir dos teus lábios
O menor sinal de fadiga
Estrei a seu redor
Propondo o mais doce mel
Da flor mais perfumada
Do mais lindo paraíso
Do meu sonho mais bonito

Você me engravidou de amor e beleza
De aconchegante ternura
Como a flor se oferta ao colibri
Sem nada pedir
Pelo prazer da doçura

Ao unir meus sonhos aos seus
Alcanço o ápice da paz
Cristais flutuam infinitos
Cristais refletindo cristais.

Amor Querubim

Teu olhar lua selvagem
Meu amor praia deserta
Glorioso amanhecer
Onde minha paz se encerra
Onde mora o bem querer

Vivo em ti nessa viagem
Querubins cantam amor
Em mil mundos são a vida
Estrelas do criador

Se te amo e te quero
Eu não quero entender
Sou o sol que aquece a relva
Oceano de prazer

Serviçal dos seus desejos
Me acorrento na paixão
Ouço a música dos anjos
É a paz no coração

Aquarela Existencial

Teu sonho é rosa
Você é rosa
Teus lábios são lindos

Meu sonho é azul
Meu íntimo é azul
Meus lábios são seus

Tua vida é branca
Tua alma é branca
Seu sorriso é negro

Minha vida é cinza
Meu corpo negro
Meu sonho é você

Teus cabelos são negros
Terrivelmente negros
Como meus sonhos de perder-te

Teu futuro é incolor
Minha aflição é vermelha
O presente é rosa-choque

Teu caminho é verde
Teus olhos também
Teus lábios carmim

Enquanto vivo a cor da incerteza
Você é meu arco-íris secreto
Enquanto choro lágrimas obscuras
Recebo de ti o mais cristalino dos sorrisos
Enquanto me perco em mil divagações
Tu sobrevoa-me enchendo-me de amor
Enquanto permaneço ofuscado por tua beleza
Tu extasias-me com tua estonteante aquarela existencial.

O Afago de Deus

O clímax do amor é o afago que Deus nos oferta
Um raro brinde divino celebrado com os mortais
Oásis celestial no árido deserto da vida
Império do amor que nos coloniza com felicidade
Território amoroso da humanidade

Intensidade que preenche o vazio
Vazio que inunda o intenso
Razão tornada contrassenso
Chama primordial do reino animal
Determinação insondável do astral

Força crescente que eletriza a calma
Sinfonia caótica que engrandece a alma
Cálice sagrado das estrelas
Faz do corpo o graal do prazer
Traz a glória do amor ao amanhecer

Coro de anjos anunciam sua chegada
Momento sublime
Afago de deus
Doce renúncia da realidade

Desejo...amplidão...sensorialidade
Dimensão onde o corpo perde a lógica
Enquanto o vulcão irrompe em fúria louca
Estar nas nuvens torna-se realidade
Entregando-se aos céus em frases senis
Das bocas roucas
Sons e palavras de um idioma obsceno porém perdoado

São os acordes desorganizados da paixão
Cessam guerras
Paz na terra
A lava quente do vulcão
Escorre cálida
Com o suor dos soluços de espanto e alegria
É a maior paz do mundo
A paz do deus profundo
O afago de deus.

Terreiro da Ciata

Ô Ciata joga salsa no tempero
Manda o João da Baiana cantar samba no terreiro

O terreiro tem magia, tem raiz iorubana
O batuque é de Angola no terreiro da baiana

Quilombola benzedeira, Feiticeira do Sudão
No terreiro da Ciata o luar brilha no chão

Tem a força da Bahia, Tem o axé do Gantois
Quem não pode com mandinga não carrega patuá

Salve Ogun, salve São Jorge, salve o meu santo guerreiro
Da batida do atabaque veio o samba brasileiro

O Anticristo

Somos filhos ilegítimos de um país bastardo
Somos o povo negro onde alguns se dizem pardos
Vamos fazer a verdadeira abolição
Sem Isabel
Só nós irmão
Nosso destino na palma da mão

Venha irmão!
Levanta-te e anda!
Venha irmã
Dandara não morreu em vão
Venha construir o amanhã negro
Poder na mão do povão
Verdadeira abolição

Zumbi está nos gritando
Povo negro estou em vocês
Direito colonial não é direito
Não existe direito ofertado
Direitos de verdade
Só quando a irmandade chegar ao poder

Palmares, Selma, Soweto e Haiti
Mesma história e mesma luta
Mandela, Martin Luther King, Zumbi
Mesma mensagem e mesma missão
A mensagem é a missão de fazer essa nação
Acorda povo preto
Não teremos igualdade concedida por leis brancas
Não teremos liberdade e igualdade
Sem a verdadeira abolição
Nos jogaram nas favelas
As senzalas high tech
Nova colonização
Necropolítica
Capitalismo
O capitalismo é o anticristo
Tira de que não tem e põe onde não cabe
Capitalismo é o grande mal da humanidade.

Floresta Cordilheira

*A*nde, corra, viva, sonhe, anda
Pela vida em seu vôo
Sentindo o sereno da brisa
Tanto sabor de viver
Se conhecer, desabrochar
Como as sementes da floresta
Natura em festa, chão, mata verde
Violão, viola, flor
É tudo amor
Som de criança no mato
Esperança no abraço
Paz divina da montanha
Ser alma de cordilheira
Levando o sol
Levando a lua
No sonho da algibeira
Sabor de sal
Sol, cordilheira
Música do sal da terra
Mi amor guantanamera
Mi cocalera
Mi pantaneira

Mi ayusquera
Amores da vida inteira
Amor sem fim deusa na terra
Ser um ponto no astral
Amazônia verdadeira
Vivam os povos da floresta
Miração paz verdadeira
Amoe pela vida inteira
Amazônia brasileira
Amor pela vida inteira
Salve a virgem mãe de Deus
Patriarca São José
Salve o menino Deus.

Soy Lana Star

Eu venho das águas calientes pra te consolar
Eu levo uma prensa da vida pra te libertar
Soy Lana Chiquita bacana
Soy Lana Maria Juana
Soy Lana das vibes serenas eu soy Lana Stra

Eu causo alvoroço na praia eu sou pura fama
Eu brilho na areia dourada de Copacabana
Incredulidade no mar
Valei-me Ogum Beira-Mar
Soy Lana das vibes serenas eu soy Lana Star

Eu quero ver todos sonhando
Eu quero ver todos se amando
Soy Lana das vibes serenas eu soy Lana Star
Incredulidade no mar
Valei-me Ogum Beira-Mar
Soy Lana das vibes serenas eu soy Lana Star

Minas

*M*inas, mulheres, meninas
Se adicionam no escuro
Filhas da ilha do tempo
Livres dos seus elementos
Se mandam pro futuro

Pólens da flor da paixão
Florais de amor sedução
Tão lindas amam sem medo
Felizes na contramão
Nadando contra a corrente
Fazem a revolução

Não somos o “X” do problema
Nós somos nossa solução
Eu sou o brilho das estrelas
Em sua constelação
Você é minha doce menina
Eu sou a lava do vulcão
Com minha língua de fogo

Te faço arder pelo chão
Desço pelas tuas costas
Morro no seu caldeirão.

O blefe da mulher Gato

Baila nas raves viajando numa trip
Querendo ser a toda boa no strip
Se aplicando com balinhas e tequila
Para o que der e vier

Pões na roleta sua estranha castidade
O resto é samba salto-agulha e vaidade
Falsa vedete, Afrodite do subúrbio
Grande blefe do poquer

Dama da noite que nenhuma grana paga
Estranho mix de Madonna e Lady Gaga
Pensa que um back, birinaite e madrugada
Fazem uma grande mulher

Já não dá mais para apostar na esperteza
Os grandes falos já rolaram sobre a mesa
E a mulher-gato de calcinha azul-turquesa
Derrapou à meia-luz

Caiu nas garras de um lindo anjo torto
Tatto tribal, surf, maromba, skate, corpo

Aí tentou fechar a porta Inês é morta
Coisas da primeira vez

Minha garota a madrugada é punk rock
O velho príncipe encantado é um escroque
Malvado não foi complacente com seu zíper
Amanhã tem futebol.

África negra

*A*frica negra
Berço da evolução
África negra
Mãe da civilização

Cura minha dor senegal
Meu mal de amor
Dança povo de dakar
Batidão do tambor

Brilha o sol de luanda
Brilha o luar de benguela
Brilha a raça de soweto
Brilha a chama de mandela

Chore seu pranto oceano
O sofrimento do mar
Palmares, angola janga
Do outro lado do mar.

Alunissagem

Essa lua que enfeitiça o jardim
O filme que tem beijo no fim
Estrelas anarquistas que brilham por si
Dizem sim...claro que dizem sim
Quem pode ser feliz assim?
O piano...o conhaque
A sede de vida correndo no parque
Derramando teu viver sobre mim

Veja só essa pressa de amor
Linda flor essa pressa de amor
Vento livre beijando o luar
Mostrando na brisa a força de amar

Veja só quanta vida doída
Veja só já fechou a ferida
Do amor que fez mágoa em mim

Pois amar não tem tempo ou espaço
Hoje a vida está no regaço
Minha vida é viver no compasso
Dessa dança de amor sem fim.

Anjo caído

Anjo caído me ofereceu amor eterno
Com asas rotas me transportou ao meu inferno
Doces lembranças me mostrou
Seu paraíso me ofertou
Minh'alma frágil
Despedaçada ele levou

A espada em brasa atravessou meu coração
Gotas de fogo incendiaram minha paixão
Fado eterno....exílio bom
Vivi contigo um grandioso armagedon

Anjo caído na rubra aurora me deste o fel
Em minha boca na negra noite puseste o mel
Quedo em seus braços
Encantaria
Ninho de estrelas
Céu, purgatório
Doce magia
Partiu em brumas

Rumo ao universo

Imensidão

Deixou cativo meu coração em comunhão

Homem/mulher/ser/mutação

Levou prá sempre

Eternamente

Minha razão.

Auto da santa cruz

No coração da floresta
Dos riachos de iansã
Tem um reinado florido
Do povo juramidam

É o povo da firmeza
Povo da consagração
São soldados da rainha
Da virgem da conceição

São da linha do tucum
Herdeiros da miração
Filhos de santo irineu
E de são sebastião

A irmandade reunida
Canta hinários de amor
Guardiã de um jardim
Onde reina o beija-flor

A força já vem chegando
Embalançando a corrente

E a lua cor de prata
Alumia toda a gente
Todos têm que se curvar
Perante esse poder
É o poder de são joão
E da virgem da conceição

Dai-me graças são miguel
Santo guardião do céu
Das falanges do senhor
Jesus cristo redentor

Alto santo, cinco mil,
Mapiá e juruá
Patriarca são josé
Eu vim aqui para louvar

O povo leva a bandeira
Como o mestre determina
Viva o santo cruzeiro
Viva as santas doutrinas

Oh! Mãe divina proteja
Esse povo, essa missão
Dai-me paz e dai-me amor
Oh! Virgem da conceição.

Budapest

*A*qui sentado onde estou
Nesta anônima imensidão
Deixo-me enfim sentar ao meu lado
Sim
Tão poucas vezes pude sentar assim
Comigo
Aqui nesta vaga noção de realidade
Do varosliget park sedado à beira do danúbio
Liberto os demônios da minha criação
Aqui
Chocado onde estou
Na gélida persuasão desta urbe dúbia
Deixo-me enfim abraçar-me, afagar-me
Sim, deixo sim
Deixo sim porque daqui saiu a besta
Deixo sim, deixo sim
Deixo sim porque aqui passam as prenhas com seus
apetrechos
E nem o gelo do chão do parque as incomodam
Ah! O gelo do chão do parque!
Nauseabundo e asqueroso momento
Odiosa criação maldita
Sabe quem sou eu?

Sou aquele estilete afiado
Escarafunchando sua consciência
Podre e pobre...podre e pobre...podre...
Sou o grande guerreiro alado (do mal)
Que arrasará tuas fantasias
Sim, arrasarei todas
Sou eu que estou aqui nesta cidade dúbia
Morrendo como kafka
Sofrendo como rilke
Sou eu o emissário que expiará os lamentos de gellert
Argh! Os enfermos de gellert!
Dois milênios de gellert!
Why not urais?
Allways gellert...allways gellert...
Depois saem com os olhos arregalados por aí
Jogando sal nos quarteirões
Empalando criancinhas e cantando doces cantigas de natal
Isso você não sabia
Responda se sabia ou não?
Asas é o que temos...asas flap..asas flap...asas flap
Asas...asas...asas...
Nada me espera em momento algum
Só faltava isso!
E depois ainda se assustam
Quando saio com os olhos arregalados por aí
Uivando junto com as tempestades
Entregando meu peito nu ao vento gélido de gellert
Sim, não temo gellert!

E depois ainda dizem que se assustam
Podres! Hipócritas!
Copulam com os animais nos estábulos
E no natal veneram o menino-deus no estábulo
O salvador dali tudo vê
Veneram a bem aventuraça sobre o feno
Coberto de sangue e sêmen das virgens de gellert
Dali saem as hordas de lunáticos e genocidas
Na meca cigana entre ouros e quadris febris
Passa imortal o perene rio
Anonimus varosliget.

Lobos

O mar respinga em meu rosto
Cem mil gotas de sal e amor
Sol contra o sal da dor
Sou cem mil gotas de amor

Solitário sonho com nós dois
Bate o silêncio na calma da alma
Lobos também uivam em noite sem luar
A lua também uiva para o lobo amar

É só ter vontade de amar
É só ter vontade de ver o mar
Ah! Esse mar virou sertão
Depois que você me amar
O sertão vai virar mar

A felicidade é uma coisa muito estranha
Que até rola um estresse na calma do olhar.

Genesis

Os sinos dobram solenes
Anunciam o fim de uma era
Foi decretado o renascimento
É momento de partir
Elevar-se
Ser conduzido ao etéreo
Abandonar a casca de poeira de estrelas
Partir livre e sem amarras
Solto na imensidão do cosmo
Viajar por nebulosas
Aglomerados de galáxias
Berçário de estrelas
Matéria escura
Sóis brilhantes no caminho
Multiversos
Onde estarão os anjos
A corte celestial
Onde celebra-se o reencontro com os ancestrais
A nova forma é plasmática
Sem densidade ou contornos definidos
Ultrapassando as leis bárbaras do conhecimento humano
Atravessando dimensões

Mundos paralelos
Percorrendo o insondável
Em júbilo com a perspectiva de deus
Sonhando com a glória do encontro
O dono de todo esse poder
O grande arquiteto do universo
Sentir seu incomensurável amor
Amor imanente
Já não ouço mais os sinos
Aquele velho mundo ficou para trás
Território de expiação e sofrimentos
Onde os humanos purgam suas dores existenciais
Seus desejos inconfessáveis
Seus pecados e aberrações inconfessáveis
Sinto a liberdade mais pura
Ouço os acordes do paraíso
Mente livre das limitações da matéria
Dos julgamentos e das culpas
Da prisão limitada do carbono
Flutuo suave nos infinitos recônditos do universo inimaginável
Ouço o troar da criação
Luzes rugem rasgando as trevas imemoriais
Surgem novos mundos
Gênesis primordial gerando corpos celestes
Nascem do mais puro caos mas seguem o ordenamento universal
Seguem a determinação de deus

Onde está guardado o mais profundo dos mistérios que é a criação

O nascer da consciência pela onisciência

Onde tudo se inicia

A alma

O espírito

Os sentimentos

O amor

Deus.

Glacial

Não me fale de amor tanto assim
Se eu não vejo calor no seu olhar
Imagino o depois
A distância dos dois

Para amar o amor
Tem que ser de outro mundo
Para não haver dor
O amor é profundo

Tem que ser um amor
Como a luz natural
Que retire de mim
Meu amor glacial
Que repasse prá mim
Seu amor animal

E deixar teu sol me aquecer
Me transformar em seu novo sol
Beijar a lua e depois desfalecer

É amor de amar e viver
Mas não me fale de amor tanto assim
Se eu não vejo calor no teu olhar.

Wica

Grande senhora do universo
Vento solar no olhar
Anjo dos sonhos futuros
Deusa, fogo milenar
Sol do meu lado escuro
Doce wica, pura magia
Runas, i ching, tarot
Búzios, xamã, camelot
Feitiços, encantaria

Luar de prata, luz da floresta
Elementares, druidas
Guardiã medieval
Força do bem contra o mal
Pitonisa visionária
Amazona, geledés
Misteriosa, seculares
Devota da natureza
Das essências do amor
Faz um mar de emoção
Dona do meu caminhar
Dona do meu coração.

Tristeza de rio

Partiu me trazendo grande dor
Fez do meu mundo uma terra sem calor
A minha poesia em noite fria
Fantasia ou ironia floresceu em mais amor

Quem disse que os brutos também amam
Sim desconhece os mistérios do amor
Ciranda de carícias infinitas
É a rosa mais bonita no jardim do criador

Viver sem teu amor é desafio
É tristeza de rio que jamais alcança o mar
O mar chamam de felicidade
É a distância da saudade entre você e nosso lar

Vem meu amor a casa implora
O meu corpo chora
O fervor do teu prazer
Você é a razão da minha vida
Vem curar esta ferida que se abriu em meu viver.

Canción para george floyd

Vuela pájaro negro
Vuela al orum, el cielo de los negros
Para aruanda la patria celestial de los negros
No al cielo de los blancos donde sólo hay dioses blancos con barbas blancas y ángeles blancos con alas blancas
Ir donde su
Descanse en paz por fin entre sus
Donde no te miran sospechosamente
Donde tus sueños serán entendidos
Busque al reverendo king para curar su dolor de la pareja infame y no programada
Busque sir malcolm x que revitalice su fuerza con sus palabras de trueno
Busca rosa parks que te dará serenidad y renitidad
También busca a extranjeros como nicomedes santa cruz y zumbi dos palmares que te enseñarán la doctrina de la resistencia
No te preocupes por el idioma
Victoria santa cruz hará la traducción p usted
Nicomedes estará acompañado por joao cándido, héroe de los brasileños negros
Si escuchas algún desastre allí en los brasileños, no tengas miedo, es ronaldo campos de la colina celebrando con los bailarines

peruanos con samba brasileña.
Quédate en el orum de los orixás
Es nuestro cielo
Es el poderoso cielo de las madres negras
De las santerías beneficiosas que les ofrecerán la paz perdida
No hay negociación allí porque ellos son los que gobiernan todo
Quédate en el orum de los viejos negros
No vayas al cielo blanco
Aprenda de nelson mandela
Con porfirio vásquez
Con alberta hunter
Nuestro cielo, el cielo de los negros
Seguro que es mucho más divertido
Usted estará encantado con duke ellington y louis armstrong
enseñando blues jimi hendrix, mientras billie holiday y aretha
franklin se despliegan para mantenerse al día con el ritmo del
cajón peruano.
En nuestro cielo, en el orum, hay un amanecer con cantantes
negros todos los días.
Quédate en el orum, el cielo de los negros
Siente la cálida brisa de las sabanas africanas invaden tu cuerpo
Siente que la llama del guerrero enciende tu corazón
Siente la inmortalidad que ofrecen los orixás.
Te amamos george.

Espírito livre

Existe um espírito invisível
Existe um espírito com cor
Espíritos sofridos expiam lamentos
Sem nunca compreender o sentido da vida

Vida onde o negro já vem carimbado
Sofrido, aprisionado, vagando no orum
Aliviado enfim do fado terreno
Sonhando com o ar da savana africana
Livre do jugo do colonizador
Livre do barco negreiro tumbeiro
Livre do jugo e da humilhação
Livre da sina do cativo

Espírito negro aguarda o acalanto
Dos deuses da corte celestial
Que sobem e descem num afã inconstante
Livrando os negros da força do mal

Carentes sofridos vivendo no transe
Ter menos valor que um animal

Largado na vida como um farrapo
Sonhando em ter um decente final

Os deuses lamentam a perversidade
Ganância do homem que nunca encerra
Pisando na alma, na vida e nos sonhos
Dos negros que sofrem aqui na terra.

Cavaleiro do amor

Encontrei meus caminhos em seus braços
Suas luzes iluminam a noite escura
Sigo firme, vou em frente, chama acesa
A certeza da paz orienta meu caminhar
Minha mente segue a trilha da paixão
No duelo que se arrasta pela vida
Mente vivaz contra o ingênuo coração

Sem você o céu noturno é sem estrelas
À deriva sigo inerte em rumo incerto
Sinto a força desse amor rasgando o peito
Afogando meu amor banhando o leito
O prazer de ter você sempre por perto

Com o frescor de uma brisa de outono
Teu olhar doce e suave me faz ameno
A vida é curta quando envolto em teu abraço
É infinita se você está distante
Enquanto espero ansioso a silhueta
Que a luz do alpendre revelará em um instante

Passos suaves de hermosa bailarina
Alisa a lua com elegância os frágeis dedos
Disco de prata ilumina a rua escura
O som da música afasta os seus medos
Você revela sua imensa estatura
Imenso amor que encanta a minh'alma
Onda de amor que me invade expansiva
Força divina que me alegra e me acalma
Me traz a luz que vem das livres estrelas
Mostrando a glória do amor sempre tão viva

Sem ti padeço das mais duras ilusões
Rainha eterna do meu reino encantado
Sou o cavaleiro e pelejo em teu nome
Formosa dama terço lanças por teu legado
Cruzo montes, vales, rios e florestas
Cruzado insano deste amor tão bonito
Lutar por ele em minha vida é o que me resta
Não há na terra um amor mais infinito.

Filhos do álcool

*A*metados pela cirrose
Esmagados pela overdose
Estão por aí
Estamos aí
Filhos do álcool
Fetos de fato etílicos
Estão por aí
Estamos aí
Herdeiros da insônia
Frutos de amores obrigados
Frutos de amores amargados
Das bebedeiras
Da baderna dos prostíbulos
Das noites insanas do por aí
Estão por aí
Estamos aí
Sorrindo forçado
Ruminando o dia-a-dia
Nas latrinas da inconsciência
Absorvendo o karma dos espíritos impuros
Contendo as nossas lágrimas de espectros ambulantes

Catando as guimbas de felicidades que nos são atiradas
Pelo falso brilho do consumo
Estão por aí
Estamos aí
Cérebros atormentados
Herdeiros da ilusão
Estão por aí
Esmagando as flores
Vomitando no amor
Rastejando na derrota
Portadores das chaves do inferno
Filhos do álcool
Na bolsa nada amniótico
Só álcool
Puramente álcool.

Doces cristais

Enquanto não ouvir dos teus lábios
Qualquer sinal de fadiga estarei a seu redor
Propondo o mais doce mel
Da flor mais perfumada
Do mais lindo paraíso
Do meu sonho mais bonito

Você me engravidou de amor e beleza
De aconchegante ternura
Como a flor se oferta ao colibri
Sem nada pedir
Pelo prazer da doçura

Ao unir meus sonhos aos seus
Alcanço o ápice da paz
Cristais flutuam infinitos
Cristais refletindo cristais.

Aos que vieram depois de nós

Deslizar pela vida correnteza
Sem forças para alterar o rumo
Capitão refém do barco
É dor silenciosa de criança

Perdoem-nos filhos amados
Somos doentes, loucos, insensatos
Devassando a todo instante
Sua sensível teia de sentimentos

Não se deve destruir o ser em construção
Amargar de fel lábios tão sublimes
Ser o pérfido predador de sonhos tão bonitos

Sobrevivam crianças
Por favor sobrevivam
Sobrevivam à nós seus pais
Pais insanos e insensatos
Egoístas moldados pela sociedade moderna
Pela indigência do consumismo
Pelo pecado da competição

Pela perversidade da individualidade
Pela falta de solidariedade
Qual a lição que você gostaria de ter?
Quem houve seus desejos mais profundos?
Os ouvidos são surdos e não lhe ouvirão
Só querem falar
E mostrar um mundo que você não quer ver
Não carregue pela vida
A dor silenciosa de criança
Há um lindo sol adiante
Acredite
Que iluminará para sempre sua felicidade.

Flor da floresta

Eu sou a flor do amor
Amor, floresta e flor

Eu sou a flor do amor
Floresta, amor e flor

A flor do amor é uma rosa tão bonita
Que o beija-flor se encanta com sua corola
A miração é uma dádiva divina
Felicidade que a floresta nos ensina

A flor do amor é o caminho da verdade
A flor do amor nos ilumina e orienta
A flor do amor nos apresenta a verdade
Ela é a santidade que o mestre nos apresenta

Eu tenho a força que recebo da floresta
Eu tenho a luz que me ilumina das estrelas
Estrelas brilham no infinito do universo
E da floresta a irmandade ama vê-las

Amor e luz, miração, flor e floresta
Floresta, luz e a emoção de poder tê-las
Recebo a força criadora do universo
Eu sou a luz que vem do brilho das estrelas
Essa força amplifica o meu amor
Essa força regenera a minha dor
Essa força limpa o meu coração
É o amor mais puro da virgem da conceição.

Noites fiorentinas

Vmeus amigos infelizes
Nos bordéis de firenze
Sangue nos olhos
Mau hálito
E nas veias muito ácido
Nas estupendas noites fiorentinas
Regadas à acido
Encontra-se coragem para escarrar nos arcanjos
Campanários sobreoados por ilusões vãs
Nas mesas álcool, pizzas e muito ácido
Ácido que corrói o riso desesperado
Ácido que embranquece a pele negra
Ácido que lhe mostra o quanto você é pequeno e insignificante
As deprimentes noites fiorentinas exibem seu estupor orgânico
Chorando longe de casa
Querendo colo de mãe
Querendo carta de mãe
Querendo morrer de tristeza
Nas deprimentes noites fiorentinas.

Pedra do sal

Não, ninguém me avisou
Que o amor também é pedreira
Deixa a gente de bobeira
Sofrendo na solidão
Enquanto isso sai sambando, gingando rasgado
No compasso sincopado
Na marcação do surdão
Não leve a mal
Nem precisa ser carnaval
O samba pede passagem
Na nossa pedra do sal
Era pra ela descer a ladeira
Saindo de porta-bandeira
Desenhando a vida no chão
Rodopio de primeira
No miudinho
Telecoteco balacobaco
Só voltando pro barraco
Na manhã da quarta-feira
É carnaval na cidade
A mocidade não para

Na folia da guanabara
Vai até o sol raiar
Na maré do cheia ela beija a lua cheia
O amor da porta-bandeira
É sambar no carnaval
Da pedra do sal.

Cheiro de estrelas

Passeamos juntos pelas estrelas
Seu olhar refletia a luz do sol
Tantos mundos imaginamos habitar
Viver juntos uma vida de alegrias

O tempo passou e sempre ele o senhor tempo
Nos levou por caminhos tão diferentes
Você cresceu e agora é frondosa árvore
Meio na minha fiquei guardado pra semente

Sol no rosto, lua na cara, banho de estrelas
Cama delícia na noite clara de luar
Penso comigo onde andará a minha deusa
Em que cometa estará a se alegrar

Sou terra e água e você sol e vulcão
Sou luz dia do dia e você some na escuridão
Minha água arrefece o seu fogo
Suas estrelas iluminam a solidão

Virei montanhas, mares, rios, mundo afora
Enfrentei meus moinhos de vento
Caminhando os caminhos no teu passo
Encontrando o amor no teu abraço.

Poeticídios

*V*ejam o oceano que sai de meu peito
É um oceano sim
Oceano de amargura
Ninguém consegue navegar em mim
Pô maiakovisky
Por que você fez isso?
Só porque tinha um oceano de amargura no peito?

Em minha mente há um vadio doido, desesperado
“essa é a maior confissão feita por um vadio”...
E no natal de 1925 sierguei iessiênem foi embora
Que merda sierguei!
Por quê você fez isso?
Só porque não há novidade no natal?

Só eu vejo o guerrilheiro que há em mim
Sempre procurei um companheiro
“nunca houve resposta
Havia buracos de granada, de browning, de madzen”...
Havia o corpo de leonel rugama
Um jovem poeta sandinista

Dilacerado por balas
Não precisava leonel
Por que você quis assim?
Só porque os guerrilheiros morrem assim?

Amor espelho

Quando a mulher quer dizer
O que sempre não diz
São coisas sutis e pequenas
É estudo fino
Que quando compreendemos as fazemos feliz
Se você entender o ofício
Que tentar entender a mulher
Com seus infinitos universos
Que não cabem em versos
Por mais quer você queira cantar
São os trabalhos de hércules
Falo pra ti amigo
Estás em bom caminho

Jamais ouse decifrar
Esse grande mistério enviado por deus
A alma da mulher
O corpo da mulher
O seu pensamento
O seu dia-a-dia
Se ela diz sim

É certo que não é bem assim
Se ela perdoa
Certeza que não esquecerá
Enquanto isso ficamos no chão
E elas danam a voar.

Isabé

Isabé, isabé
Vosso trono não arcança
A aba do meu chapé
Fiz a guerra
Fiz a luta
Vosmicê ganhou trofé
Fui zumbi
Fui capoeira
Derrotei os coroné
Pai xangô me deu o fogo
Que taquei no mundaréu
Liberdade não se ganha
Se conquista isabé.

Testamento

Recolhi os espinhos do caminho
Para não ferir seu caminhar
Nos desertos criei oásis
Observado atento de longe
Um farol sobre teu mar

Cada caminho uma estória
De vitórias ou derrotas
Mas só vale se for caminhar
Vida boa tem que merecer
Merecer, caminhar e vencer

Desvie dos caminhos
Que levam à solidão
Caminhe nos caminhos
Que tenham coração
Siga firme na vida
Fique longe da ilusão

Invisível

*A*tenção é invisível
A sentença visível
O cárcere tem cor
Os espíritos expiam lamentos
Não compreendem o sentido da vida
Vida que vem de feto carimbado
Lacrado, embrulhado, placenta genérica
Acolhedora, amorosa e genérica
Placenta que não vai segurar a onda do feto
No mundo exterior, apartado do bem estar social
Longe das riquezas e de olhares afetuosos, da igualdade
O sofrimento é de acordo com a quantidade de melanina
Ela é a fronteira que pode definir entre o sucesso e o fracasso
Lutar para sair do gueto
Lutar para não pegar em armas
Lutar para ter direitos de cidadão
Tem que cuidar desse feto
Do futuro dessa criança
Para que possa ter um mundo de luz
Um mundo suave e cheio de amorosidade
Não podemos entrega-lo à sociedade

Ela poderá lhe ser perversa
Confiar uma vida dura e desnecessária
Um mundo amargo cheio de desesperança
A vida amarga pode abraçar o feto negro
Lhe reservar um cárcere negro
E uma cova rasa no cemitério dos negros.

Sim

*N*ão quero
Te quero
Não gostar assim

Não olho
Teu sonho
Insônia minha

Não vivo
Tua vida
Deixe-me morrer

Não chores
Minhas lágrimas
Deixe-me partir

Não divido
Minha dor
Chore de rir

Não sonhe

Meu sono

Durma

Não corro

Minha pressa

Te imobiliza

Não espere

Minha decisão

Te assusta

Não tento

Tua essência

Estremece-me

Não beijes

Teu calor

Pode matar-me.

Reparação

Povo negro
Mundo negro
Herança de luta
Ancestralidade

Mundo negro
O povo luta
Ancestralidade
Liberdade

Vem comigo irmão
Venha pra luta irmã
Zumbi moderno
Dandara com sabedoria
Fazendo a guerra
Dia após dia

África sonho distante
Ficou no seu sonho irmão
Tempo de luta
Reparação.

Ninguém

Sangue, suor e lágrimas
Sangue, suor e lágrimas
Herança da escravidão
Porcos comem no chiqueiro
Sodomia, cativo
Sangue, suor e lágrimas
Sangue, suor e lágrimas
Africanos açoitados
Abraçando o pelourinho
Colonos sem coração
Que cruzaram seus caminhos
Angola, benim, oyá, ilha de madagascar
Sinto o cheiro desse chão
Na minha escravidão
Não é a minha nação
Terra da separação
Lágrimas, sangue, suor
Te quero África querida
Lua que me acalanta
Sol que incendeia meu dia
Sofri viagem sem volta

Sem ver família, amigos
Não há nesse mundo infame
Maior que seja o castigo
Construir o novo mundo
Sofrimento, cativo
Morreu sozinho no eito
Sem ser povo brasileiro.

Moinhos

Tanto amor em volta
E eu tentando fazer a esperança nascer
Corre vida
Gira mundo
Moinhos que moem sonhos
Meus quixotes são mesquinhos
Corre vida
Gira mundo
Esperanças vão morrer
Com tanto amor em volta
Tanto futuro por aqui
Eu matei a esperança
Triturada no moinho
Queria te ver feliz
Queria você por perto
Foi um lance muito esperto
Correr mundo e moinhos.

Universo e glória

Do universo mais distante e profundo
Virá a mensagem que o amor será sempre a grande
glória

Que o amor é uma dimensão metafísica no reino dos homens

Motivada pela ânsia dos desejos e sentidos

Dimensão ancestral

Onde o maior desafio é atingir a plenitude

Acenando aos mais ousados viajantes

Com maravilhas nunca antes percebidas

Há uma ordem universal imanente

Força viva, contínua e determinante

Mantendo perene a harmonia silenciosa das galáxias

Do multiverso

Da paz universal

Do vácuo

Do silêncio

Do vazio interestelar

Da singularidade no horizonte de eventos

Na imensidão das fronteiras intangíveis

Onde a luz da existência é refletida através do brilho das
estrelas vivas

Onde cristais milenares energizam os espíritos flutuantes
no plasma primordial

Dos seres humanos que partiram na viagem sem volta
deixando amor e saudade nos que ficaram

Hoje vivem na paz absoluta, acariciados pela graça divina
de deus

Dimensão do espaço/tempo primordial

Onde não existe a ordenação temporal

Nem a escala memorial de evolução das eras

A vida não é mais como deveria ser

Tudo está onde não deveria estar

Universo paralelo

Janela quântica para o conhecimento

Portal divino do renascimento

Passagem eterna para o paraíso

Viajantes das estrelas voltando para casa

Somos eternamente poeira de estrelas

Nosso destino é brilhar no infinito.

O toureiro e o poeta

*H*avia uma canção zíngara
Havia o canto rubro de lorca ao luar
Canto gitano
Andaluz
A la cinco de la tarde
Reina o silêncio na arena
Sob a fúria do miúra
Forte, esplendoroso, majestosamente arfante
Jorra o sangue rubro espanhol na arena
Lindo conjunto de poder do miúra
Os músculos, a carranca, a indocilidade
A ignomínia do puro id flamejante sob o sol
A vida esvai-se com o sol
A vida não é mais o que era
Não há mais sentido em alegrias, tristezas e emoções
Uma réstia de sol invade a janela lateral do quarto de dormir
Dali do chão da arena reina o vermelho de gaudi
Havia um clube na esquina em san vicente
Havia uma sentinela, a cidade e suas luzes
Viu mil tons em picassos

Viu o grito de amor escorrendo entre os dedos ensanguentados

Cravados na areia e nas teclas do piano

Viu o raio da morte surgir sob o estupendo corpo do miúra

Saiu de cena carregado como um herói

A la cinco de la tarde jaz impávido o herói morto

A ilusão de um grande amor abraçou a triste realidade

Viu a dor de lorca a la cinco de la tarde.

Filha de Caim

Amor sincero e delicado nunca tive
Herdei a sina de viver em solidão
Desejos mortos que vivo através do tempo
Sonhos de amores mergulhados na ilusão

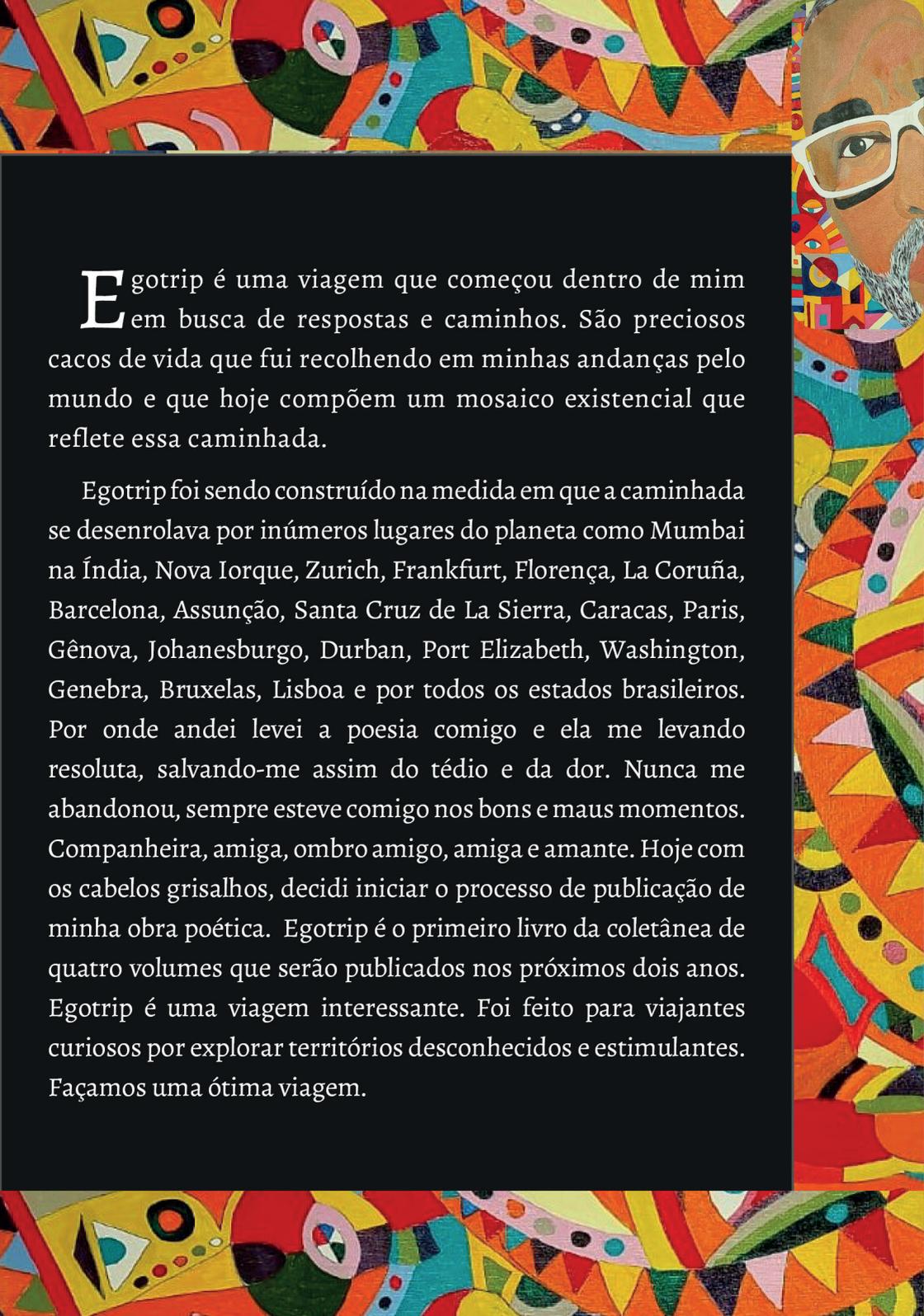
São anjos tortos que ficaram no caminho
Mil cicatrizes de distantes carnavais
Eu fulgurante colombina em alegria
Meu fogo intenso queimando canaviais

Amor incerto quase certo é perdição
Um tango amargo na doçura da canção
Ledo engano refletido em cristais
Se é incerto a compulsão faz querer mais
Sigo sem rumo em minha vida reconheço
Meu recomeço é de cigana bar em bar
Sou o restolho dos corações solitários
Vã pitonisa da amargura de amar

Vida perdida afogada no vermute
Velho embuste que ilude a razão

Rotos lampejos em parceiros desgarrados
Eu sou a pária a deserdada por Adão

Por ser sublime meu amor desfez no ar
No destilado amargor do botequim
Sou a caída que ninguém quer em seu lar
A degredada pela casa de Caim.



Egotrip é uma viagem que começou dentro de mim em busca de respostas e caminhos. São preciosos cacos de vida que fui recolhendo em minhas andanças pelo mundo e que hoje compõem um mosaico existencial que reflete essa caminhada.

Egotrip foi sendo construído na medida em que a caminhada se desenrolava por inúmeros lugares do planeta como Mumbai na Índia, Nova Iorque, Zurich, Frankfurt, Florença, La Coruña, Barcelona, Assunção, Santa Cruz de La Sierra, Caracas, Paris, Gênova, Johannesburgo, Durban, Port Elizabeth, Washington, Genebra, Bruxelas, Lisboa e por todos os estados brasileiros. Por onde andei levei a poesia comigo e ela me levando resoluta, salvando-me assim do tédio e da dor. Nunca me abandonou, sempre esteve comigo nos bons e maus momentos. Companheira, amiga, ombro amigo, amiga e amante. Hoje com os cabelos grisalhos, decidi iniciar o processo de publicação de minha obra poética. Egotrip é o primeiro livro da coletânea de quatro volumes que serão publicados nos próximos dois anos. Egotrip é uma viagem interessante. Foi feito para viajantes curiosos por explorar territórios desconhecidos e estimulantes. Façamos uma ótima viagem.